

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

FILOZOFICKÁ FAKULTA

Katedra romanistiky- portugalská sekce

As formas de tratamento em Português Europeu

Diplomová práce

Jana Lešková

Vedoucí práce: Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.

Olomouc 2012

Prohlašuji, že jsem diplomovou práci zpracovala samostatně a uvedla všechny použité zdroje.

Olomouc, 8. Květen 2012

.....

vlastnoručný podpis

Gostaria de agradecer a Mgr. Petra Svobodová, Ph.D. pela direcção do meu trabalho e pelos seus conselhos e ajuda que permitiram elaborar esta contribuição para o estudo de formas de tratamento.

Conteúdo

Introdução	6
1 Característica do sistema de tratamento em Portugal.....	11
1.1 Classificação do sistema de tratamento	12
1.1.1 A perspectiva morfosintáctica	13
1.1.2 A perspectiva semântico-pragmática	15
1.1.3 A perspectiva semântico - lexical	16
2 História do sistema de tratamento.....	18
2.1 Três grandes períodos no sistema de tratamento em Portugal	20
2.2 Tu e Vós	21
2.2.1 Tu e Vós na religião	23
2.3 Senhor.....	25
2.4 Vossa Mercê	26
2.5 Você.....	28
2.5.1 Gunther Hammermüller: o estudo de <i>você</i>	32
2.6 Senhoria, Alteza, Excelência e Majestade.....	34
2.7 Convivência de tratamentos	37
2.7.1 Leis das Cortesias	38
2.8 Forma indireta de tratamento e tratamento verbal.....	40
2.9 As quatro tendências de Cintra.....	41
3 As formas de tratamento no Brasil.....	43
4 O uso das formas de tratamento na actualidade	47
4.1 O questionário	48
4.2 Metodologia.....	49
4.3 Questionário dado aos portugueses	51
4.4 Análise de dados.....	55
4.4.1 Análise segundo a proximidade vs. distancionamento entre os falantes	55
4.4.2 Análise segundo a idade do interlocutor	56
4.4.3 Análise do uso da forma <i>você</i>	59
4.5 Conclusões do questionário	61

5 Conclusão	63
Anexos	66
Resumé no eslovaco	68
Resumé no inglês	69
Anotação	70
Bibliografia	71

Introdução

O estudo de formas de tratamento em Português Europeu contemporâneo tem-se mostrado muito importante para o conhecimento e a melhor compreensão da língua portuguesa. A complexidade e a instabilidade do seu sistema tem despertado o interesse de vários linguistas nacionais e estrangeiros e apesar de existirem muitos estudos sobre esta matéria as formas de tratamento são consideradas a parte da gramática não muito bem descrita e esclarecedora.

A evolução de tratamentos através dos séculos mostra claramente que a língua é um fenómeno social porque o emprego das formas variadas é estreitamente ligado ao pensamento da sociedade nas épocas diferentes e quando estudamos tais formas aprendemos mais não só sobre a cultura e a história dum povo mas também sobre os costumes dentro duma comunidade, pois as formas de tratamento reflectem as relações interpessoais e a maneira do nosso comportamento.

O sistema das formas de tratamento em Português é muito complexo e complicado e é bem conhecida a estranheza que causa a sua peculiaridade nos falantes de outras línguas europeias:

"A primeira coisa que se deseja fazer com uma língua é falar com as pessoas. Mas, em Portugal, uma pessoa está sujeita a ser interpelada de quatro, ou mesmo de cinco modos diferentes e a cada um desses modos está associado um grau diverso de intimidade ou de respeito, cada um deles fixa firmamente o tipo de relação entre a pessoa interpelada e a pessoa que se lhe dirige."¹

Os modos como se dirigir a outra pessoa não são só quatro ou cinco como é mencionado acima, mas como mostram os seguintes exemplos, em Português Europeu contemporâneo há, pelo menos, dez maneiras possíveis, dependendo de vários factores sociolinguísticos, como se pode o locutor dirigir ao seu interlocutor, neste caso, a uma senhora chamada Maria:

¹ FRYER, P. & Pinheiro. *Oldest Ally*. Londres, 1961, p. 230, cit. por CINTRA, Luís F. Lindley. *Formas de tratamento na língua portuguesa*. Livros Horizonte, 1972, p. 9-10.

1. *A senhora* gosta de gatos?
2. Ø² Gosta de gatos?
3. *A senhora Maria* gosta de gatos?
4. *A Maria* gosta de gatos?
5. *A D. Maria* gosta de gatos?
6. *A senhora D. Maria* gosta de gatos?
7. *Você* gosta de gatos?
8. *Tu* gostas de gatos?
9. Gostas de gatos, ø?
10. Gosta de gatos, ø?

É óbvio que todas as frases referem a mesma mensagem mas o locutor emite-as de maneiras diferentes. As frases têm a idêntica estrutura sintáctica e também o mesmo sujeito (a Maria), mas a diferença no que diz respeito à escolha duma forma de tratamento ou da outra, no primeiro lugar, depende da situação de formalidade ou informalidade entre os falantes. Isto quer dizer que a escolha entre os pronomes *tu*, *você*, *o/a senhor/a* ou *ø* é motivada pelo certo sentido de intimidade vs. distancionamento social.

Este factor, claro, não é o único decisivo. Há muitos outros factores que influenciam o locutor na sua escolha:

"A forma de tratamento seleccionada depende, por um lado, de factores como a idade, a educação e a posição social do interlocutor e, por outro, do conhecimento que o falante tem das questões associadas a cada uma das formas de tratamento empregues em detrimento das outras, visto que a selecção depende, em última análise, da cultura linguística e do ambiente social e regional dos falantes."³

Como há tantos factores e os falantes do Português têm tantas possibilidades das quais podem escolher, não nos pode surpreender que o sistema das formas de tratamento existente é tão complicado e caótico e parece, muitas vezes, ser sem regras e ninguém sabe dizer hoje com exatidão o que é que é correcto e o que é que é já errado.

² representa sujeito não expresso

³SARAIVA, Maria de Conceição Pereira Saraiva. *Estudo de Formas de Tratamento no Português Europeu Contemporâneo: contributos para um manual didáctico*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2002, p. 14.

A verdade é que não existem regras bem delimitadas porque cada linguista e cada pessoa parece ter as suas próprias regras.

O problema é que cada forma tem várias possibilidades de uso porque todas as formas sofreram, através dos séculos, muitas mudanças no seu emprego. E como Portugal é um país conservativo e tradicionalista, tem tendência de manter os modelos antigos em todos os aspectos da vida e é também na língua onde se manifesta isto. Algumas pessoas usam ainda as formas de tratamento no seu contexto antiquado, e outras, na maioria é a faixa etária mais jovem, já considera essas formas erradas e usa já as formas consideradas modernas. O modo de falar, porém, é muito subjectivo e todas as pessoas são influenciadas pelos factores diferentes, o que deu origem à situação que enfrentamos na sociedade actual: o caos total.

O presente trabalho tem como o objecto principal de estudo as formas de tratamentos que hoje em dia podem causar e causam problemas de utilização correcta não só para os estudantes estrangeiros que estudam Português e, muitas vezes, não sabem escolher e usar as formas de tratamento adequadas mas mesmo para os portugueses que sentem dificuldades no seu emprego.

Assim o objectivo deste trabalho é contribuir para minimalizar as dúvidas e indecisões sobre o uso de formas de tratamento existentes no Português Europeu contemporâneo como também descrever a sua evolução diacrónica e assim explicar e sistematizar o emprego de formas de tratamento hoje em dia.

Perante a variedade dos tratamentos ainda em uso e a impossibilidade de os descrever todos, o trabalho centra-se nas formas de tratamento genéricas como *tu*, *você*, *o senhor/ a senhora* e *vós*, porque são estas que causam maior dificuldade na sua utilização e também porque são as mais usadas em discurso coloquial na actualidade. O tratamento com sujeito nulo (*Ø Gosta de gatos?*) e o tratamento indirecto (*A Maria gosta de gatos?*) são também considerados porque representam as formas simples e elegantes de evitar formas de tratamento marcadas.

Formas de tratamento formais e cerimoniais como *Excelentíssimo Senhor*, *Senhor Engenheiro*, *Senhora Doutora*, *Vossa Eminência*, etc. não são aqui estudadas porque há tantas formas diversas de tratamentos que não é possível descrevê-las todas e assim foi necessário restringir o objecto de estudo.

A minha pesquisa começou já durante o meu estágio na Câmara Municipal em Sesimbra. Ali tive oportunidade de falar com portugueses de idades e profissões

diferentes e percebi que este fenómeno que existe só em Português é mesmo complicado e suscita reacções contraditórias. Por isso acho o tema tanto actual como interessante e importante.

Importante porque é difícil de analisar com precisão todos os dados existentes. Na história do sistema de formas de tratamento ocorreram grandes modificações desde os tempos reais portugueses até ao período de "transformações que se têm estado a dar na sociedade portuguesa a partir do 25 de Abril de 1974 (como grande alargamento do campo de emprego de *tu* e de *você*, recuo ainda mais acentuado do tratamento por *V.Ex.^a*, etc.)."⁴ E a sua evolução sempre continua sem que alguém finalmente determine as regras fixas.

É também um trabalho actual porque há um número muito reduzido de estudos linguísticos sobre as formas de tratamento em Português, apesar de os portugueses serem uns dos povos que usam maior número dessas formas e apesar de todos demonstrarem incertezas e atitudes diferentes perante o seu uso. E os estudos que existem, na maioria, são só descritivos e não oferecem os exemplos do uso prático da língua nem bastantes informações esclarecedoras e actuais.

A instabilidade do sistema actual faz o presente trabalho também muito interessante para todas as pessoas que falam ou aprendem Português e querem saber mais sobre este tema porque o estudo mostra a sua complexidade, os seus pontos fracos e a problemática do seu uso como também os caminhos que a evolução de formas deveria seguir.

Para além deste capítulo introdutório onde se definem objecto e objectivos, o trabalho é constituído por cinco capítulos:

No primeiro capítulo encontra-se uma classificação e divisão minuciosa de formas de tratamento existentes hoje em dia em Português Europeu de vários pontos de vista linguísticos como também o recenseamento dos mais importantes estudos linguísticos.

O segundo capítulo consiste na apresentação de três grandes períodos no sistema de tratamento e do percurso histórico das formas de tratamento individuais, desde os tempos reais até aos nossos dias, mencionando o seu emprego actual e as peculiaridades do seu uso.

⁴CINTRA, Luís F. Lindley. *Formas de tratamento na língua portuguesa*. Livros Horizonte, 1972, p.7.

O terceiro capítulo é dedicado às formas de tratamento em Português Brasileiro e à descrição das diferenças principais entre o tratamento no Brasil e em Portugal porque apesar de serem as duas normas oficiais da língua portuguesa mostram a evolução do sistema de tratamentos bastante diferente.

No quarto capítulo analisam-se os factores principais que influenciam a escolha duma forma ou outra como também os resultados do questionário elaborado segundo a proximidade vs. distancionamento entre os falantes e a idade do interlocutor, a fim de encontrar o que os falantes nativos pensam sobre o uso das formas de tratamento e qual é a sua opinião sobre a forma *você*, hoje em dia tão discutida.

Por fim, no quinto capítulo, encontra-se a conclusão e as considerações finais.

1 Característica do sistema de tratamento em Portugal

As formas de tratamento são os meios linguísticos que os interlocutores usam para estabelecer as relações interpessoais e que representam as maneiras pelas quais se dirigimos uns a outros. São também chamados *relacionemas*, pois a sua função é da natureza relacional. Através deles estabelecemos contactos e por isso representam a parte da gramática crucial para um bom andamento da conversação.

Quando nos queremos dirigir a alguém, surgem-nos frequentemente muitas dificuldades porque a maneira de tratar alguém está estreitamente ligada à cortesia. Por isso não sabemos que forma podemos usar com uma pessoa de idade maior, um funcionário público ou um desconhecido que encontramos, por exemplo, na rua. Não sabemos se temos que ser muito formais ou até qual ponto podemos ser informais e como o desconhecido vai reagir porque às vezes acontece que ofendemos alguém sem a nossa intenção.

Todas as situações implicam, por isso, o tratamento diferente e nós, muitas vezes, temos que primeiro analisar a situação porque não sabemos qual é o tratamento adequado. Esta virtude de tratar bem as pessoas tem muitos nomes como: cortesia, boa educação, polidez, boas maneiras, civilidade, urbanidade, delicadeza, etc., o que só demonstra a sua importância na sociedade contemporânea.

Por isso a primeira característica do Português Europeu e podemos dizer a sua regra geral é que é uma língua cortês e polida, que possui muitas formas de tratamento e fórmulas respeitadas e cerimoniais que são, muitas vezes, mesmo desnecessárias. Em muitas situações os portugueses tratam-se com estima e reverência não muito adequada. Este traço deve-se ainda, podemos dizer, aos tempos de feudalismo quando foi obrigatório tratar todos com o devido respeito e os vestígios dessa atitude no tratamento persistem ainda hoje em dia na mente de muitas pessoas.

Outra das características do sistema português é a sua estruturação que supõe três planos e não dois ou só um, como em outras línguas europeias. O Francês distingue só *tu* para a intimidade e *vous* para a cortesia, o Espanhol tem *tu* e *usted*, o Italiano *tu* e *lei*, o Português Brasileiro tem *você* e *o/a senhor/a*, o Alemão tem *du* e *Sie*, o Inglês tem *you* que é universal. E em Português Europeu existe uma oposição entre *tu* para a intimidade, *você* como forma de transição que não implica a intimidade e o número

excessivo de formas nominais como *o/a senhor/a, a Maria/ Vossa Excelência/ o senhor Doutor/ a D. Maria*, etc. para a cortesia.

A última característica do sistema português, no que diz respeito às formas de tratamento, é o emprego frequente e até excessivo dos tratamentos nominais tipo *o/a senhor/a, o senhor Doutor, o pai, A Maria, a minha amiga*, etc. que exigem 3.^a pessoa do singular:

"O Francês cobre um simples *vous*, o Espanhol com um *usted*, o Italiano com um *lei* quase todo o campo dentro do qual empregamos os tratamentos nominais, e ainda a maior parte daquele em que nos servimos dos pronominais *você* e *Vossa Excelência*."⁵

Estes tratamentos aparecem também em outras línguas românicas, mas não podemos comparar o seu emprego ocasional com a sua utilização regular e abundante em Português. Todos estes três traços principais fazem do Português Europeu a língua tão diferente, peculiar e específica em comparação com as outras línguas europeias modernas.

1.1 Classificação do sistema de tratamento

O estudo de formas de tratamento iniciou-se em 1960 com a publicação de Brown e Gilman⁶, intitulada *The Pronouns of power and solidarity*. O modelo que apresentam baseia-se na ideia que a sociedade é dividida entre duas forças: *poder* e *solidariedade* e assim a selecção das formas de tratamento está ligada à interacção destes dois aspectos. Para eles *o poder* foi a força dominante nas relações sociais no passado e com o tempo, esta força foi substituída por um novo ideal: *a solidariedade*.

Esta divisão implica que, segundo eles, a escolha duma forma ou da outra depende da relação afectiva entre os falantes e que as formas também determinam os seus papéis sociais. *Poder* representa todas relações assimétricas quando os falantes

⁵Ibid., p. 14.

⁶BROWN, R., GILMAN, A. *The pronouns of power and solidarity*. In Sebeok, T.A. (ed.) *Style in Language*, Cambridge, Mit press, 1960.

podem expressar a sua superioridade ou inferioridade (=relações de poder) e *solidariedade* representa as relações simétricas entre os falantes (=relações de igualdade, solidárias).

Desde então, publicaram-se dezenas de estudos e artigos, quer por parte de autores nacionais, quer por parte de autores estrangeiros, aplicando este modelo na tentativa de analisar este trabalho fundamental sobre formas de tratamento. Entre outros destacam-se nomeadamente: Cuesta&Luz⁷ (1971), Lindley Cintra⁸ (1972), Wilhelm⁹ (1979), Michel de Oliveira Medeiros¹⁰ (1985), Günther Hammermüller¹¹ (1993), Carreira¹² (1995).

Nestes estudos linguísticos sobre as formas de tratamento em Português Europeu contemporâneo, os seus autores apresentaram e referiram a diferentes classificações do seu sistema, segundo critérios morfossintáticos, semântico-pragmáticos e semântico-lexicais e ao mesmo tempo situaram-nas em categorias que podemos considerar subclasses ou hiperclasses daquelas. Nos seguintes subcapítulos vamos explicar a sua classificação em algumas obras acima mencionadas.

1.1.1 A perspectiva morfossintática

O estudo de L. F. L. Cintra foi, depois de Brown e Gilman, crucial para os futuros estudos dos outros linguistas porque ele foi primeiro que descreveu também a evolução diacrónica, sistematização e divisão das formas de tratamento existentes. A sua perspectiva morfossintática focaliza-se nas formas de tratamento que podem desempenhar o papel de sujeito. Primeiro vamos ver a divisão de formas segundo esta perspectiva e depois vamos comentar os grupos individuais. Cintra classifica o sistema de tratamentos em:

⁷CUESTA, P.V., LUZ, M.A.M. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Martins Fontes, 1971.

⁸CINTRA, Luís F. Lindley. Op. Cit., 1972.

⁹WILHELM, E. Axel. *Pronomes de distância do português actual em Portugal e no Brasil*. Lisboa, 1979.

¹⁰MEDEIROS, Sandi Michele de Oliveira. *A model of address form negotiation: a sociolinguistic study of continental Portuguese*. University of Texas at Austin, 1985.

¹¹HAMMERMÜLLER, Gunther. *Die Anrede im Portugiesischen. Eine sociolinguistische Untersuchung zu Anredekonventionem des gegenwärtigen europäischen Portugiesisch*. Chemitz, Nov Never Verlag, 1993.

¹²CARREIRA, Maria Helena Araújo. *Modalisation Linguistique en Situation d'Interlocution. Proxémique verbale et modalités en portugais*. Dissertação de doutoramento, Sorbonne 1995.

- a) **o sexo:** *o senhor/a senhora*
- b) **a profissão ou a categoria social:** *o senhor Doutor/o senhor Ministro*
- c) **o parentesco:** *o pai/a mãe*
- d) **o nome próprio:** *o Joaquim/a Maria*
- e) **o nome de relação especial:** *a menina/a minha amiga*

Esta proposta de Cintra, porém, não é bem aceita por todos os linguistas. No seu estudo publicado em 1985, a linguista Michele de Oliveira Medeiros critica a sua classificação porque segundo ela a sua divisão "does not capture the essence of the inter-relationship of the pronominals and nominals"¹³ e propõe, por isso, uma nova classificação das formas de tratamento e substitui a designação morfossintáctica de Cintra em tratamentos pronominais, nominais e verbais, por:

1. **pure pronouns** (*tu, você e vossemecê* e os seus plurais)
2. **pro-pronouns** (nomes e sintagmas nominais usados como pronomes)
3. **Zero Forms** (verbos sem sujeito expresso)

A sua divisão, em comparação com a de Cintra, parece mais lógica. *Zero forms* correspondem aos *tratamentos verbais* de Cintra, mas ela não fala de *tratamentos nominais* e *pronominais* mas fala só de pronomes que divide em dois grupos: *pure pronouns* e *pro-pronouns*. O grupo problemático de tratamentos cerimoniais de Cintra é classificado como o grupo de *pro-pronouns* como também todos os tratamentos nominais. Assim a classificação dos tratamentos segundo a perspectiva morfossintáctica fica mais clara e esclarecedora.

1.1.2 A perspectiva semântico-pragmática

Uma das contribuições mais importantes e inovativas de Cintra é a divisão das formas de tratamento segundo uma perspectiva semântico-pragmática. Este ponto de

¹³ não captura a essência da inter-relação dos pronominais e nominais

vista é estreitamente ligado à hierarquização da sociedade portuguesa e Cintra aqui distingue: formas *de intimidade, de cortesia, de igualdade* e tratamento *de superior para inferior*. Tal divisão mostra os valores que formas de tratamento expressam, como também as relações interpessoais que estabelecem.

- **Formas no tratamento de igual para igual, superior para inferior e que não implicam intimidade:** *você*
- **Formas próprias de intimidade:** *tu*
- **Formas de cortesia** que implicam as distâncias diversas entre os interlocutores:
o senhor, o senhor Doutor, o Joaquim, a Maria, a senhora Maria, a D. Maria, a senhora D. Maria, Vossa Excelência, etc.

Esta classificação é importante porque mostra como funciona a sociedade portuguesa, que é caracterizada pela forte hierarquização social e, por isso, é tão importante saber usar a forma adequada em cada situação. Cada pessoa tem o seu papel social que cumpre e cada forma tem também o seu papel do emprego que deveria cumprir mas como vamos ver mais tarde a teoria não sempre corresponde à fala cotidiana porque a perspectiva semântico-pragmática é muito subjectiva e por isso depende de ponto de vista de cada falante.

1.1.3 A perspectiva semântico - lexical

Ao nível da semântica lexical, ou seja, ao nível das palavras que pertencem a uma mesma área de conhecimento dentro do campo léxico, a linguista Michele de Oliveira Medeiros distingue dentro do grupo de nominais também os subgrupos especiais segundo a perspectiva semântico-lexical. Estes subgrupos são divididos segundo o campo lexical que representam:

- a) **Nome próprio** e/ou **Nome apelido**: Maria, Joaquim, Marques, Maria Marques
- b) **Nome de parentesco**: pai, filha, avó, tio, primo
- c) **Nome de afecto**: querido, caro, lindo, amor
- d) **Nome de profissão**: carpinteiro, enfermeira, taxista, professor
- e) **Título académico**: engenheiro, professor, arquitecto, doutor
 - político**: ministro, presidente, deputado, secretário de estado
 - civil**: chefe, administrador, secretária
 - militar**: sargento, coronel, general, capitão
 - religioso**: padre, frade, cónego, bispo
- f) **Título nobiliárquico**: duque, conde, barão, fidalgo, majestade
- g) **Título honorífico**: Vossa Magnificência, Vossa Santidade, Vossa Excelência
- h) **Senhor/a, Dona**: senhor, senhora, dona, senhora dona
- i) **Nomes de relação especial**: camarada, vizinho, amigo, menino
- j) **Insultos**: burro/a, estúpido/a, palerma, cabra

Estes tratamentos podem ser acompanhados de determinantes definidos e/ou possessivos, de adjectivos, bem como, no caso de vocativos, de partícula interjectiva. O determinante utilizado pode aumentar ou reduzir a relação de proximidade ou de afastamento entre as pessoas. Por exemplo há diferença se dizemos Ele é o meu caro camarada ou Ele é um camarada porque o primeiro exemplo implica a familiaridade entre o falante e o seu camarada e o segundo exemplo implica que não há proximidade entre eles, é um camarada qualquer.

2 História do sistema de tratamento

Quando voltamos uns séculos atrás, ficamos surpreendidos com o contraste entre o sistema antigo e o sistema actual de tratamentos. A coisa mais notável do sistema antigo é a total ausência de tratamentos nominais. Só se encontram frases em que aparecem como sujeito os pronomes *tu* e *vós*, o que significa que não havia ainda separação entre o plano da intimidade ou da cortesia. *Tu* ocupava sector de intimidade e *vós* tinha o duplo emprego – singular de cortesia e plural indiferente. É uma estrutura muito simples que remonta ainda ao latim:

Tu/Vós no singular

Vós no plural

Assim, o pronome *tu* empregava-se só quando houve certo grau de intimidade e confiança entre as pessoas e o pronome *vós* usava-se tanto com as pessoas importantes como com os desconhecidos e também para se dirigir a várias pessoas. Este sistema documenta-se ainda no século XV nas obras de Fernão Lopes.¹⁴

Na sociedade medieval o rei, a rainha e os nobres tratavam os seus vassallos por *vós* e os vassallos usavam este mesmo tratamento com eles, secundado muitas vezes pelo vocativo *Senhor*, que realçava o tratamento formal e cerimonioso. Segue-se o exemplo duma cantiga:

"Sei eu, donas, que deitad' é d' aqui do reino
já meu amigu' e non sei como lhe vai
mais quer' ir a el-rei, chorar-lh' ei muito
e direi lh' assi: por Deus, *senhor*, que *vos*
tan bon rei fez, perdoad' a meu amigu' esta vez"¹⁵

¹⁴LOPES, Fernão (1378 – 1459?) foi funcionário do paço e notário, nomeado em 1434 Cronista-Mor pelo rei D. Duarte, escreveu as crónicas dos reis D. Pedro I, D. Fernando e D. João I.

¹⁵NUNES, José Joaquim. *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Coimbra, 1926, p.133, cit. por LUZ, Marilina dos Santos. *Fórmulas de tratamento no português arcaico*. Separata da Revista Portuguesa de Filologia Vols. VII, VII e IX. Coimbra, 1958, p. 30.

Voltando ainda mais ao passado, Pereira¹⁶ no seu livro de *Gramática histórica*, descreve o momento histórico em que os pronomes pessoais no latim clássico começaram a indicar também a função de respeito vs. desrespeito, além da de designar a pessoa gramatical. Segundo este autor, no latim clássico, os pronomes pessoais tinham seu valor próprio sem qualquer outro significado, ou seja, *nós* ainda indicava só a coletividade e ainda não plural de majestade e *vós* usava-se só como plural indiferente, sem o seu emprego como singular de cortesia.

Foram os imperadores romanos, a partir de Diocleciano¹⁷, que iniciaram o uso de *nós* em lugar de *ego* e as autoridades começaram a usar nos ofícios públicos as formas: *nós* queremos e mandamos, apesar de ser só uma pessoa que quer e que manda. Faziam isto para mostrar a sua importância mas também para dar aos seus actos um ar menos pessoal. Os príncipes e os bispos reclamaram para si o mesmo emprego desse plural e, assim, *nós* passou a significar também plural de majestade e entrou no uso cotidiano.

O emprego de *nós* da parte de quem falava naturalmente implica o surgimento de *vós* dado pelos súbditos aos seus donos como singular de cortesia. Assim se explica a origem das formas *nós* e *vós*. Como consequência, o *tu* começou a restringir-se mais e levado pela analogia, começou a ser substituído pelo pronome *vós* sempre quando a intenção era mostrar respeito. Com isso, o pronome *tu* perdeu a sua dignidade primitiva e passou a ser usado, por um lado, como expressão de inferioridade ou de desprezo e, por outro, no círculo de relações íntimas, como expressão de amor e de familiaridade.

A idéia de respeito ou dignidade no emprego dos pronomes *nós/vós* trouxe consigo o espírito de cortezania, promovendo, mais tarde, a criação do número excessivo de pronomes ou expressões pronominais de tratamento formal e cerimonioso tipo: *Vossa Mercê, Vossa Senhoria, Vossa Reverência, Vossa Excelência, Vossa Alteza, Vossa Majestade, etc.*

A uma sociedade altamente hierarquizada correspondia um sistema de formas de tratamento também hierarquizado. E como as formas de tratamento são intimamente ligadas com as alterações sociais, eles sofreram também alterações que levaram a formação de novas formas de tratamento e a recategorização de outras. E nós, agora, vamos ver, passo ao passo, os períodos principais e as alterações ocorridas.

¹⁶PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática histórica*. São Paulo, Ed. Nacional, 1915.

¹⁷Diocleciano foi imperador romano de 284 a 305 A.D.

2.1 Três grandes períodos no sistema de tratamento em Portugal

Seja qual for o período na história portuguesa, observar a função de formas de tratamento e ver o seu percurso através dos séculos merece ser notado. Penetra-se assim na atmosfera duma época diferente e descobrem-se muitas coisas não só sobre a língua falada naquele período mas também sobre os costumes, as relações sociais e a vida íntima dentro da sociedade.

Na história do sistema de tratamento em Português Europeu encontram-se segundo L. F. L. Cintra três grandes períodos:

1) **O primeiro período** (finais do século XIII até o começo do século XV)

Foi o tempo das formas de tratamento pronominais *tu* e *vós*, "usadas entre íntimos e próximos, a segunda entre pessoas cuja relação não consentia o uso de *tu*, fosse ela o rei ou arcebispo, o rústico ou o vilão."¹⁸

2) **O segundo período** (desde o século XV até finais do século XVIII)

Foi sempre o tempo de formas pronominais *tu* e *vós* mas já apareceram primeiras formas de tratamento nominais de elevada cortesia como *Vossa mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência*, *Vossa Majestade*, *Vossa Alteza*. Neste período apareceram mas também algumas delas logo degradaram.¹⁹

3) **No terceiro período** (a partir da segunda metade do século XVIII)

Foi o período em que começou a invasão de novas formas nominais cortesias. A forma *vós* como tratamento cortês da 2.^a pessoa, dirigido só a uma pessoa, desapareceu. Ao mesmo tempo aumentou a degradação de *Vossa mercê*, com o correspondente alargamento no emprego de *você*. Ficava assim aberto o caminho para o uso e a expansão de formas nominais hoje tão típicas para o Português que exigem o verbo na 3.^a pessoa. Trata-se de formas como: *o senhor*, *o senhor Doutor*, *a mãe*, *o meu amigo*, *o Joaquim*, *a Maria*, *a D. Maria*, *a Senhora D. Maria*, etc.

¹⁸CINTRA, Luís F. Lindley. Op. Cit., 1972, p. 17.

¹⁹Veja capítulo 2.4 *Vossa mercê* e 2.6 *Senhoria*, *Alteza*, *Excelência* e *Majestade*

Todas as formas de tratamento, porém, têm a sua complicada história. Algumas caíram em desuso ou ocorrem com reduzida frequência, limitadas a certos estratos sociais ou regiões (*vós, Vossa Senhoria e Vossa Excelência*). Outras, pelo contrário, recuperaram os usos, antes menos recomendados por descortesias ou passaram a ocorrer com maior frequência (*você, o senhor*). Por isso, no capítulo seguinte, vamos descrever e analisar o caminho da sua evolução, nomeadamente das formas: *tu, vós, senhor, Vossa Mercê, você, Vossa Senhoria, Vossa Alteza, Vossa Excelência e Vossa Majestade*.

2.2 Tu e Vós

O *tu*, que hoje tem tantos sentidos, era muito mais simples entre os romanos. Era *tu* para o servo e era *tu* para o Imperador. Este tratamento de *tu*, contrariamente ao de hoje, não envolvia nenhuma idéia de familiaridade nem de superioridade relativa de quem o empregava.

A história de forma de tratamento *vós* foi, no início, comum a de *tu*. Na época do Império Romano, o *vós* era empregado como plural e não como um pronome de respeito. A sua pluralidade foi inserida no contexto social com a divisão do império romano em dois, o oriental e o ocidental, e também com a extensão da pluralidade implícita no pronome para o fato de o rei ser a representação de si mesmo e de seu povo.

O novo plural de cortesia teve um sucesso enorme. Nos meados do século VI, já não eram só imperadores e reis que o recebiam dos seus súbditos, mas também os bispos e altos funcionários. Gradativamente esse *vós* latino foi sendo estendido do rei para outras pessoas de poder.

O tratamento por *vós*, dirigido a um só indivíduo, como manifestação da cortesia, manteve-se ao longo dos séculos, pelo menos até meados do XVIII. Cintra situa, na passagem do reinado de D. João V²⁰ para o de D. José²¹, a queda em desuso desta forma de tratamento.²²

²⁰D. João V, rei de Portugal, 1707- 1750.

²¹D. José, rei de Portugal, 1750- 1777.

²²CINTRA, Luís F. Lindley. Op. Cit., 1972, p. 29.

Vós cortês tornou-se assim o traço arcaizante e um ridículo da fala de pessoas velhas e provincianas e utilizável só para pessoas que não mereciam tanta cortesia e acabou por ser uma maneira rude e inculta de se dirigir até mesmo a um conhecido com quem não existia a proximidade necessária.

O *vós* como forma de plural continuou a ser, durante toda esta época, frequentemente utilizado por e para todas as classes sociais mas também não manteve o mesmo valor até aos nossos dias. A primeira menção da substituição de *vós* para *vocês* como forma de plural de *tu* encontra-se já na *Gramática Histórica*²³ de Manuel Salid Ali de 1921.

A causa desta extrema e sucessiva degradação e redução no emprego de *vós* e da 2.^a pessoa do plural é a rápida ampliação do campo do emprego de formas como *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza* e de *Vossa Excelência*, ou seja, tornou-se possível aplicar estes tratamentos, no início só utilizados com os reis, ao número maior de pessoas.²⁴

Este desaparecimento de *vós* cortês e a sua troca por um tratamento que exigia o verbo na 3.^a pessoa significou também uma simplificação no que diz respeito à gramática portuguesa. Em vez de alternar entre 2.^a pessoa do plural e 3.^a pessoa do singular, começaram a usar-se só as formas de esta última.

Actualmente, *tu* usa-se não só entre íntimos e próximos, mas o seu emprego tem-se alargado significativamente nos últimos tempos. É também usado entre desconhecidos (jovens), colegas da mesma profissão, de superiores a inferiores, com familiares, de filhos para pais o que não foi nada comum porque, por exemplo, os portugueses que hoje têm cinquenta e mais anos tratavam os seus pais por *você* para mostrar o seu respeito. Todos estes aspectos indicam que o tratamento de *tu* deixa de significar a intimidade propriamente dita e que a população portuguesa está a tornar-se mais e mais aberta às tendências igualiárias e aproximativas.

Vós, além do seu uso no estilo oratório, persiste também na língua falada em grande parte dos dialectos setentrionais portugueses, nomeadamente nas regiões do Minho, do Douro e da Beira Interior, mas é só nas camadas mais velhas e nas cidades

²³Acessível no: <http://www.ciberduvidas.pt/pergunta.php?id=29294>, 8.5. 2012.

²⁴Veja capítulo 2.6 Senhoria, Alteza, Excelência e Majestade

mais pequenas, nas aldeias e vilas. Os jovens preferem o tratamento *vocês*.²⁵ Também podemos encontrar *vós* na poesia, na linguagem de ficção e no estilo oficial (Agradeço-vos muito!).

2.2.1 Tu e Vós na religião

O tratamento epistolar ocupa sempre um lugar à parte. Caracteriza-se por ser, em geral, mais cerimonioso e por manter formas já caídas em desuso na conversação diária. Isto é também o caso do Português falado.

No século XVIII *vós cortês* (dirigido só a uma pessoa) tornou-se, como vimos, uma forma vulgar só utilizada por rústicos ou por pessoas rudes no Português falado, e, no Português escrito praticamente deixou de ser usado. Foi nessa época que a Igreja manteve esta forma de tratamento nas orações e assim a linguagem litúrgica afastou-se de qualquer norma viva em Portugal.

Rafael Bluteau²⁶, o famoso clérigo e lexicógrafo francês, em 1721, escreveu no seu livro *Vocabulário Português e Latino*:

"He cousa notável que a Jesu Christo falem os Christãos por *vós*: *vós* sois meu Deos, *vós* sois meu Redemptor e que hum *vós* de hum homem a outro pareça injúria...Em Hespanha, e particularmente em Portugal, sem grande familiaridade, ou dependência, ninguém leva hum *Vós* com paciência"²⁷

Ele nota muito bem que naquela época a posição de *vós* não era nada logicamente explicável porque *vós* era bastante digno para dirigir-se a Deus e, ao mesmo tempo, era também considerado como forma rude quando dirigida a qualquer pessoa desconhecida ou de pouca familiaridade.

Em Espanha, França e Itália as Comissões Episcopais de Liturgia substituíram tratamentos na linguagem litúrgica por *tu*, o que oferece na relação entre o cristão e Deus ou a Virgem uma maior intimidade e calor. Em Portugal, porém, o *vós* e a 2.^a

²⁵ Acessível no: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100519195225AAguRvJ>, 8.5.2012.

²⁶ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra, 1721.

²⁷ CINTRA, Luís F. Lindley. Op. Cit., 1972, p 30.

pessoa do plural permaneceram nos textos oficiais da Igreja, nas orações dos cristãos e no modo de se dirigir a Deus ou à Virgem:

"Pai Nosso, que *estais* no céu,
santificado seja o *Vosso* nome,
venha a nós o *Vosso* reino;
seja feita a *Vossa* vontade, assim na terra como no céu."²⁸

É interessante observar, porém, que nos textos do Português arcaico (até cerca de 1400), o tratamento normalmente usado para Deus era o tratamento por *tu*. Só depois deste período começou a pensar-se que Deus merece tratamento mais respeitoso e *tu* mudou para *vós*. Como o exemplo nos pode servir a conhecida tradução do hino *Juste judex* incluída pelo rei D. Duarte²⁹ no *Leal Conselheiro* onde ele ainda usa o tratamento de *tu* :

"Justo juyz Jesu Cristo,
Rey dos Rex e boo senhor,
que coo padre reynas sempre,
hu de dambos huñ amor,
prazate de me ouvyr,
pois me sento pecador."³⁰

Vemos que a questão de *tu* e *vós* na religião é um pouco complicada. A escolha do idioma litúrgico é a decisão individual de cada país mas está a criar dúvidas e problemas que é difícil de solucionar. Alguns dizem que é correto dirigir-se a Deus com intimidade e para outros é a falta de respeito. Portugal aqui, mais uma vez, mostra a sua atitude conservativa e tradicionalista e é um dos poucos países que mantêm a forma *vós* como forma de tratamento de Deus.

²⁸Missal Romano, *Ordinário da Missa*. Texto oficial português. Texto latino. Comissão Episcopal de Liturgia, Lisboa, 1969, p. 115.

²⁹D. DUARTE, rei de Portugal (1391-1438).

³⁰*Leal Conselheiro*, ed. crit. e anotada, organizada por PIEL, Joseph, Lisboa, 1942, p.374-375.

2.3 Senhor

Com origem latina *senior* (homem mais velho), esta forma de tratamento parece ter entrado em Portugal, contudo, por via francesa. A princípio, durante a época feudal, significava o possuidor de terras ou feudos, era quem dispunha da vida dos seus vassallos, o detentor da autoridade. Frequentemente representava também o senhor absoluto e quando referido a rei, o primeiro de senhores. Que durante um certo período foi *senhor* o tratamento mais apreciado e usado pelos reis prova-se também pela circunstância de não aparecer outra forma de tratamento real até ao século XIII.

Os senhores das terras eram os grandes proprietários, daí o costume frequente de juntar à palavra *senhor* um topónimo. A construção *senhor de...* encontra-se durante toda a Idade Média, o que revela a importância que tinha para o homem medieval a posse de um pouco de terra. Senhor como vocativo, como vimos antes, desempenhava um papel importante no tratamento do rei.

Foi o tratamento dirigido, de princípio, sobretudo aos reis mas o seu uso alargou-se progressivamente a um número de pessoas cada vez maior, aos membros da família real, depois, à alta nobreza e alto clero que também tinham o privilégio de assim serem tratados, até que, no século XVIII, começou a ser usado como tratamento formal e respeitoso dirigindo-se a qualquer homem.

Com a sua classificação, hoje em dia, é um pouco mais complicado. Alguns linguistas consideram-no o tratamento nominal (Cintra), para alguns é pronominal porque tem o valor de verdadeiro pronome (Michele de Oliveira Medeiros) e outros dizem que é nominal mas com o carácter mais pronominalizado de todos os tratamentos nominais. Assim esta questão fica ainda sem resposta certa.

Actualmente *o senhor* é o título dado aos homens no trato usual. Usa-se entre conhecidos não próximos e desconhecidos nas situações formais e onde não há intimidade porque sempre expressa o respeito duma pessoa para outra, sendo por isso considerado de cortesia. A vantagem deste tratamento é que não distingue as camadas sociais e assim pode ser usado sem tomar em conta a educação ou hierarquia social das pessoas.

Também se usa seguido: pelo nome próprio (O senhor Manuel, A senhora dona Maria), pelo apelido (O senhor Carvalho), pelo título académico (A senhora doutora),

profissional (O senhor engenheiro) ou honorífico (O senhor presidente) do que se pode ver que hoje em dia o seu uso é muito mais condicionado pela idade e distancionamento social que pela autoridade.

2.4 Vossa Mercê

De acordo com Santos Luz³¹, os mais antigos exemplos recolhidos em que figura *Vossa Mercê* como forma de tratamento encontram-se já nas cortes de 1331 mas Fernão Lopes só coloca esta forma na boca dos castelhanos, dirigindo-se ao seu rei ou ao rei de Portugal. Isto significa que o tratamento *Vossa Mercê* devia ter sido importado da Espanha.

Este tratamento surgiu no tempo quando se entendeu que o tratamento da 2.^a pessoa *vós* não era bastante para lisonjear o soberano. Convencionou-se que se deveria dirigir indiretamente à autoridade suprema, ou seja, a uma das suas virtudes como por exemplo a expressão *Vossa Mercê*, referindo-se à graça e favor que o monarca deveria conceder aos seus súbditos.

Segue-se o exemplo duma cantiga do rei e poeta Afonso X³² onde se encontra antiga fórmula *pedir por mercee* que invocava esse favor real:

"Senhor Santa Maria, pois que começad'ey
De *pedir-che mercee*, nom me departirey"³³

Deixou, porém, de ser usada para o rei a partir dos fins do século XV e foi substituída primeiro por *Vossa Senhoria* e depois por *Vossa Alteza*. É assim porque se vulgarizou tão rapidamente. *Vossa Mercê* agradava a todo o mundo e todos queriam ser tratados como era tratado o próprio rei. Depois de duques e infantes começou a ser dirigido também aos patrões burgueses e, depois pouco tempo, os fidalgos e fidalgotes

³¹LUZ, Marilina dos Santos. *Fórmulas de tratamento no português arcaico*. Separata da Revista Portuguesa de Filologia Vols. VII, VIII e IX. Coimbra, 1958.

³²AFONSO X, o Sábio (1221-1224), rei de Castela e Leão.

³³AFONSO X, o Sábio. *Cantigas de Santa Maria*, edit. por LAPA, Rodrigues. Lisboa, 1933, cit. por LUZ, Marilina dos Santos. Op. Cit., 1958, p. 58.

consideraram ser insuficiente o pronome *vós* para expressar o respeito que lhes era devido e começaram a exigir dos seus criados também o tratamento *Vossa Mercê*.

Assim se estendeu o seu emprego a outras pessoas, a princípio aos poderosos mas já na lei de 1597 o rei Filipe II³⁴ não regula o seu emprego, o que significa que já foi utilizado também nas camadas mais baixas. Como era uma expressão tão longa e repetida a cada instante, em seguida por tal forma se vulgarizou que a gente do povo transformou-a de *Vossa mercê* em *vossancê*, *vossemecê*, *vosmecê* e até *você*, formas abreviadas intimamente associadas à degradação semântica de já antiga fórmula de cortesia.

Assim *Vossa Mercê* preocupava muitos que continuavam a ser assim tratados, até que começou a ser considerado o tratamento insultoso já no século XVII. É nas comédias e farsas daquela época onde se melhor vê a preocupação com esta forma de tratamento adequada. Quase não se encontra na literatura a obra dramática que não refleta esta intensa preocupação de muitos, em não serem tratados por *Vossa Mercê* ou, ainda pior, por uma das formas decadentes *vossancê* ou *você*.

Um dos exemplos é uma cena do *Auto do Fidalgo Aprendiz* de D. Francisco Manuel de Melo, escrito em 1646. Numa das cenas D. Gil Cogominho, o burguês que se quer tornar fidalgo, zanga-se com o seu velho aio Afonso, quando o trata por *Vossa Mercê*:

AFONSO: Que manda *Vossa Mercê*?

GIL: Que tenhais mais cortesia!³⁵

Na literatura podemos encontrar mais exemplos da degradação da forma *Vossa Mercê* o que, claramente, ajudou a expansão bastante rápida das outras formas nominais como *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza* e *Vossa Excelência* como formas ligadas ao respeito, à formalidade e à cortesia.

O século XVIII data-se como início do processo de pronominalização³⁶ de *Vossa Mercê*, e o início do século XIX como a efetiva gramaticalização de *você*. O século XVIII identifica-se também como um momento em que *Vossa Mercê* e *você* não se diferenciam nos diálogos entre inferior/superior e superior/inferior em peças teatrais, o

³⁴Veja o capítulo 2.7. 1 Leis das Cortesias

³⁵MELO, D. Francisco Manuel. *O Fidalgo Aprendiz*. Livraria Clássica editora, 3.ª ed., Lisboa, 1963, p. 41-43.

³⁶Pronominalização é a substituição de sintagma nominal por pronome, neste caso: *Vossa Mercê* por *você*

que é interpretado como indicativo de que ambas as formas de tratamento expressam a forma que se utiliza entre iguais.

Analisando e resumindo todas as mudanças que ocorreram na forma e no emprego de *Vossa Mercê* em Português Europeu através dos séculos, percebemos que elas se relacionam quanto ao nível fonético-fonológico e morfossintático tanto também ao nível pragmático.

No plano fonético-fonológico, as formas abreviadas *vossancê*, *vossemecê*, *vosmecê* e até *você* representam o processo de redução fonológica. No morfossintático falamos sobre o processo de pronominalização. *Vossa Mercê*, originado da conjunção de *vossa* (pronome possessivo da segunda pessoa) e *mercê* (substantivo feminino), ou seja, de duas palavras autônomas, com significado próprio, reduz-se a um lexema único *você* (pronome pessoal).

Do ponto de vista pragmático, ocorreram várias alterações no uso de *Vossa Mercê* nos diversos momentos da história do Português. Nenhuma forma de tratamento passou por tantas transformações lentas e graduais que *Vossa Mercê*. Forma que começou por ser, nos fins do século XIV e na primeira parte do século XV, tratamento real, chegou, já por volta de 1460, a ser o tratamento mais usual para o monarca mas já deixou de poder ser empregado para ele no fim de século XV quando é substituído por outras formas como *Vossa Senhoria* e *Vossa Alteza*. Entretanto aparece usado para duques e infantes, depois para simples fidalgos, e já no início do século XVI, para patrões burgueses a quem se dirigem os seus criados e mesmo para gente de baixa posição social e terminou por ser a forma *você*, cheia de contradicções.

2.5 Você

O pronome *você* representa, como vimos, contracção da locução substantiva *Vossa mercê* que se pronominalizou nos fins do século XVIII e no início do século XIX *você* já começou a usar-se como tratamento no emprego de igual para igual, entre amigos, mesmo da alta burguesia, sem que se lhe associasse qualquer matiz despectivo.

Observa-se, por exemplo, que em 1789 Morais Silva³⁷ definiu *você* como: "abreviatura de *Vossa mercê*, usada por familiaridade e amizade."³⁸

A sua origem pode explicar-se, segundo M. Tereza C. Biderman³⁹, também de outra maneira. No final do século XVI e a primeira metade do século XVII, Portugal estava sob o domínio espanhol. Além disso, as relações entre as sociedades portuguesa e espanhola sempre foram muito estreitas desde os tempos medievais. Por isso ela inventa a hipótese que o tratamento de *Vossa mercê* provem do espanhol. Compare-se as variantes espanholas como *voaçed*, *vueçed*, *vassuncê*, *vuaçed*, *voazé*, *vuazé*, *vuezé*. Pode ser que *você* simplesmente representa uma daquelas variantes que corriam na Espanha naquele tempo, mas claro que é só uma hipótese menos provável e nunca afirmada.

Actualmente, face o que se ouve e lê, o tratamento de *você* encontra-se largamente expandido entre os portugueses de Portugal, o que podia ser um sinal de que os valores depreciativos ou insultuosos terão já desaparecido, ou estarão em vias de desaparecer. Mas não é tão fácil como parece porque é bem verdade que a opinião sobre o seu emprego muda de pessoa a pessoa. *Você* gera reacções contraditórias e tem interpretações distintas. Segue-se a lista de doze empregos de *você* que foi elaborada com base nas observações pessoais e pesquisa realizada:

- a) Certas pessoas empregam *você* para se dirigirem a alguém com respeito porque eles sempre consideram *você* o vestígio da *Vossa Mercê*. Isto passa, na maioria, nas zonas rurais. É nesse sentido que muitos alunos, muito frequentemente até hoje em dia, se dirigem aos seus professores usando o pronome *você*. Dentro da sua família aprenderam que essa é a forma respeitosa e por isso é natural para eles usá-la também na Universidade. Muitos professores, porém, sentem-se incomodados e até mesmo ofendidos com este emprego de *você*.
- b) Por outro lado, a classe média urbana não aceita ser interpelada por meio de pronome *você* porque é considerado como a grande falta de respeito e educação. (caso, por exemplo, dos professores)

³⁷António Morais Silva foi o lexicólogo brasileiro e autor do primeiro moderno dicionário monolíngue publicado em Portugal em 1789.

³⁸SILVA, António Morais. *Diccionario da Lingua Portugeza*. Lisboa, 1789.

³⁹BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Formas de tratamento e estruturas sociais*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Marília, 1972-1973.

- c) Frequentemente é usado como o tratamento de distanciamento, mas sem qualquer valor depreciativo. É nas relações de superior para inferior (em idade, classe social, hierarquia) quando, por exemplo, o chefe se dirige aos seus empregados e quer manter a distância entre eles.
- d) No Português Europeu "correcto" não deveria ser usado na relação oposta, de inferior a superior. A realidade, porém, é diferente: "Alguns portugueses não sabem isso e usam o *você* como tratamento de inferior para superior e depois não percebem porque não conseguem obter os efeitos que desejam. Se me tratam por *você*, inadequadamente, isto é, alguém que por convenção social eu considere inferior a mim, eu fico ainda mais surdo do que sou."⁴⁰
- e) Como tratamento igualitário usa-se entre as pessoas mais velhas, por volta dos sessenta anos e, na maioria, entre os homens. Por isso é possível ouvir o tratamento: Ó doutor, *você* sabe..?
- f) Muito frequentemente usa-se nas situações cotidianas ao dirigir-se a alguém que não conhecemos (para evitar tratar essas pessoas por *tu*), por exemplo, quando pedimos informações: *Você* deve virar à esquerda, quando fazemos compras: *Você* calça qual número? Quando marcamos o encontro com o médico: *Você* está marcado para as seis, etc.
- g) É o tratamento dado, hoje em dia, a leitores, ouvintes e espectadores. Podemos ouvir *você* nas publicidades (*você* quer, *você* tem), nos anúncios de jornais, na rádio e na televisão nos programas onde há muitos concorrentes como Quem quer ser milionário.
- h) O mais surpreendente é, porém, que as classes altas, por exemplo, a chamada "aristocracia em Cascais" considera *você* como o tratamento de respeito absoluto e usam-no tanto com os seus empregados quanto também com os seus filhos. Representa o símbolo da sua educação: O que *você* quer querido?
- i) No quadro das relações de parentesco, há que considerar duas tendências diferentes: por um lado o carinho e, por outro, o respeito. Assim se pode explicar que havia tempo quando *você* era obrigatório para com os pais e os avós. Isto foi o tratamento que usaram as pessoas que têm hoje quarenta anos. Mas os seus filhos hoje tratam-nos por *tu*. E as pessoas que hoje têm cinquenta e mais anos, ao

⁴⁰ Acessível no: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090114140001AAyB6Fh>, 8.5.2012.

contrário, usaram *tu* com os pais, e *você* com os tios. Assim vemos que o uso de *você* muda quase em cada década.

- j) *Você* representa para alguns também uma forma de tratamento depreciativo e assim se usa com as pessoas de condição inferior (a nível social, hierárquico), muitas vezes até pejorativamente, para indicar que a pessoa a quem nos dirigimos, não merece o tratamento de *senhor*. "Tratar por *você* alguém que poderia normalmente ser tratado por *tu* pode significar o desejo de tornar mais evidente uma certa distância social. Pode ser usado também como indicador de snobismo. (Mas quem é *você* para dizer isso?)"⁴¹
- k) Existe também *você* de intimidade que está a avançar muito lentamente com o tempo, apesar de as classes mais altas não concordarem. É graças à existência de muitos programas televisivos (telenovelas e filmes brasileiros) mas o resultado definitivo se verá só com o tempo.
- l) No Norte de país, que normalmente mantém os traços arcaizantes na língua, o uso de *você* é considerado uma enorme falta de educação. É considerado tão descortês que até existem ditados para as pessoas que o usam como: "*Você* é estrebaria e é lá que *você* se cria!"⁴².

Como vemos, há pelo menos doze possíveis maneiras como podemos definir o contexto em que se usa/não usa o tratamento *você*. Tanta diversidade na sua utilização mostra por que é o tratamento tão problemático e é tão difícil definir a sua posição actual. É por isso que surgem todas as confusões e malentendimentos. As pessoas mais educadas e das classes mais altas não gostam deste tratamento e se alguém de outra classe social usa *você* mesmo com boa intenção (como forma de respeito), eles ficam ofendidos. Então todo o problema com *você* é que o seu emprego está a ampliar mas não se reduz o número de possíveis interpretações, o que causa caos no seu uso.

Usada entre iguais mas também desiguais, a forma *você* é hoje tratamento cada vez mais frequente mas sempre cheio de contradicções. É sobretudo uma questão socio-cultural. Por isso, usar *você* em Português Europeu é correcto mas o mais polido e mais seguro é omiti-lo ou substitui-lo ou pelo nome da pessoa, ou por *o/a senhor/a*, *o/a chefe*, ou, no contexto escolar, *o/a professor/a* para que não seja acusado de falta de educação.

⁴¹SARAIVA, Maria de Conceição Pereira Saraiva. Op. Cit., 2002, p. 129.

⁴²BASTO, Cláudio. *Formas de tratamento em português*. Revista Lusitana, vol. XXIX, 1932, p. 14.

2.5.1 Gunther Hammermüller: o estudo de *você*

De todos os estudos realizados sobre a diversidade e a complexidade da forma *você*, a melhor é a contribuição do alemão Gunther Hammermüller⁴³ do ano 1993. O seu trabalho é inovativo em muitas direcções. Ele classifica as formas de tratamento em nominais, pronominais e verbais como Cintra mas, por cima, inventa uma nova classificação do tratamento que o autor designa por *tratamento de evitação*, ou seja, o emprego da 3.^a pessoa que permite evitar a escolha de formas pronominais ou nominais que referem aos estatutos dos interlocutores.

Hammermüller também centra a parte significativa do seu estudo na forma *você*. Fazendo dois tipos de questionários, realizados no Norte de Portugal, o autor investiga o que os residentes do Porto e Barcelos opinam sobre esta forma de tratamento e as dificuldades que sentem em categorizá-la. Como o resultado da sua análise, ele distingue sete tipos de *você* segundo vários critérios.

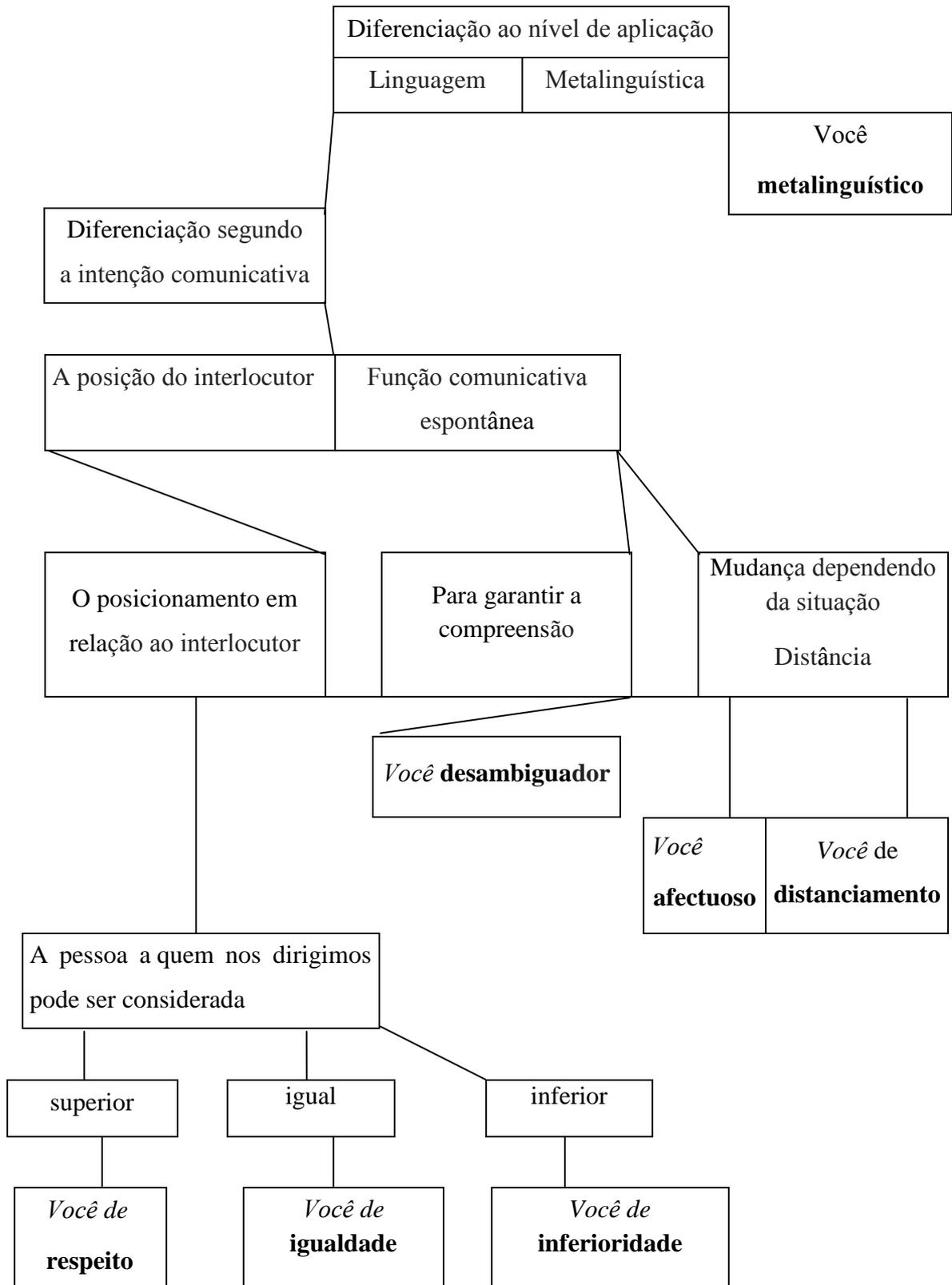
Primeiro distingue dois níveis da sua aplicação: linguagem ou metalinguística e dentro da metalinguística põe *você metalinguístico*, ou seja, *você* que usamos quando falamos sobre *você* em geral e assim fica sem o seu significado propriamente dito. (*Você* é o pronome/ o sujeito/o objecto, etc.)

Na linguagem o factor mais importante na escolha é a intenção comunicativa do locutor. Aqui se distinguem dois grupos: *você* no que diz respeito à posição que o locutor tem em relação ao interlocutor (aquele/aquela a quem nos dirigimos) vs. *você* na função comunicativa espontânea. Dentro do primeiro grupo a pessoa a quem nos dirigimos pode ser considerada superior, igual ou inferior e assim distingue três tipos de *você*: *você de respeito*, *você de igualdade* e *você de inferioridade*.

Dentro do segundo grupo, na comunicação espontânea, podemos ainda distinguir entre a garantia de compreensão: o uso de *você desambiguador* (nas situações ambíguas onde não queremos ser informais e tratar a pessoa por *tu*, nem muito formais e tratar alguém por *o/a senhor/a*) vs. a mudança dependendo da situação: aqui podemos usar *você afectuoso* com pessoas conhecidas dentro da família e, ao contrário, *você de distancionamento* quando o locutor quer manter a distância com a pessoa a quem se dirige. Segue-se a representação visual do seu esquema:

⁴³HAMMERMÜLLER, Gunther. Op. Cit., 1993.

Polissemia de *você* segundo Hammermüller⁴⁴:



⁴⁴Ibid.,108.

Embora se encontrem informações úteis e novas sobre o emprego e a divisão de *você*, não são suficientes porque como vimos não existem só sete mas pelo menos doze empregos diferentes de *você*. A contribuição de Hammermüller é significativa dentro do campo dos estudos realizados sobre as formas de tratamento mas o que é que falta no seu estudo é uma listagem dos respectivos contextos da utilização e também a explicação da problemática do seu uso hoje em dia.

2.6 Senhoria, Alteza, Excelência e Majestade

As novas fórmulas do tratamento que surgiram no século XV substituíram, como dissemos, a forma *Vossa Mercê*. Estas formas descreveram outras qualidades de rei, mais conforme com a nova concepção da dignidade real porque exprimiram melhor a magnificência e a grandeza do soberano. São as formas: *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência* e *Vossa Majestade*.

A primeira forma, *Vossa Senhoria*, encontra-se usada pela primeira vez numa carta dirigida ao rei já no ano de 1434:

"...eu corri Senhor este tratado e parece-me
q ha nele muitas razões bem ditadas damizade
mas nõ me parecẽ tais nem tantas q mais
e melhores non vise obrar a *vosa Senhoria*..."⁴⁵

Esta forma significava o direito, o poder e a autoridade que uma pessoa tinha sobre a terra de que era senhor, e esta qualidade era reconhecida ao rei. O rei era o senhor absoluto da terra que decidia sobre a vida dos seus súbditos e por isso se usava o título de senhoria.

Por isso, durante séculos, este tratamento se tornou numa aspiração de todos aqueles que queriam subir na escala social e ser tratados por *Vossa Senhoria*. Segue-se o

⁴⁵SOUSA, A. Caetano. *Provas da história genealógica*, t. I (L. III). 1946, p. 304, cit. por LUZ, Marilina dos Santos. Op. Cit., p. 52.

exemplo do fidalgo da *Barca do Inferno* de Gil Vicente, que a si próprio trata por *Senhoria*:

"Não sei porque, haveis por mal / que entr´a Minha Senhoria."⁴⁶

Com os tempos, porém, seguiu o caminho de *Vossa mercê*, degradando-se e passando por pessoas de modesta condição social até que originou as corruptelas como: *vossinhoria*, *vossioria*, *vossoria*.

Hoje em dia *Vossa Senhoria* (V. S.^a) continua como o tratamento cerimonioso e protocolar, principalmente na forma escrita. Usa-se com as pessoas de certa cerimónia, para autoridades em geral, oficiais com patente igual ou inferior a coronel, funcionários graduados (vereadores, diretores de departamentos, superintendentes, chefes de serviços, inspetores, secretários da prefeitura, oficiais administrativos), etc.

A segunda forma, *Vossa Alteza*, aparece usada pela primeira vez, em relação ao rei, nas cortes de 1455. Naquele tempo ainda não tinha a natureza de um verdadeiro pronome e por isso não influenciou a forma verbal seguinte:

"...assi como *Vossa Alteza* o simplesmente *soltou*
ora ha seis annos nas primeiras Cortes em Lisboa *fizestes*..."⁴⁷

Antes disso, Lopes colocou esta forma na boca de embaixadores castelhanos ou genoveses, mas sempre só acompanhada de adjetivo: *Vossa Real Alteza/Vossa Grande Alteza*. Interessante também é que é esta forma que podemos encontrar na *Carta de achamento* do Brasil de Pêro Vaz de Caminha, escrita em 1500 ao rei Manuel I de Portugal:

"Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a *Vossa Alteza* a nova do achamento desta *vossa terra nova*"⁴⁸

⁴⁶CINTRA, L. F. Lindley. Op. Cit., p. 21.

⁴⁷LUZ, Marilina dos Santos. Op. Cit., p. 51.

⁴⁸Acessível no:

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/perovazcaminha/carta,8.5.2012>

Vossa Alteza continuou a ser o tratamento de reis ao longo de todo o século XVI até ao reinado de Filipe II⁴⁹ quando ele regula o seu tratamento e passa a ser dirigido aos bispos, arcebispos, duques, marqueses, condes, governadores, etc.

Hoje em dia emprega-se sempre na linguagem formal e distinguem-se várias formas como: *Vossa Alteza* (V.A.) para duques, *Vossa Alteza Sereníssima* (V.A.S.) para príncipes monarcas e arquiduques, *Vossa Alteza Real* (V.A.R.) para príncipes e infantes de casas reais, *Vossa Alteza Imperial* (V.A.I.) para príncipes de casas imperiais, *Vossa Alteza Real & Imperial* (V.A.R.& I.) para príncipes de casas reais e imperiais e *Vossa Alteza Ilustríssima* (V.A.Illm^a.) para nobres mediatizados como Condes, na Alemanha⁵⁰.

O tratamento de *Vossa Excelência*, como é o caso também de *Vossa majestade*, não é a criação românica mas usava-se já no tratamento epistolar de meados do século VI (*excellentia*). Em Portugal começa a usar-se no século XV para o rei, como é o exemplo da carta escrita pelo Zurara na sua *Crónica de tomada de Ceuta*:

"Senhor (...) os vezinhos e moradores desta villa de Gibraltar vos enuiam este seruiço, nam cousa igoal a *exçelençia* de tamanho primçipe, mas como se pode auer per semelhantes pessoas..."⁵¹

Com o tempo degrada-se como os outros tratamentos e o seu emprego restringe-se no século XVII para os filhos legítimos dos Infantes e para o Duque de Bragança. No século XVIII já podia dar-se também a todos os grandes eclesiásticos, aos governadores, embaixadores, etc.

É certo que este tratamento é perfeitamente vivo e que é o mais usado hoje em dia. Actualmente, *Vossa Excelência* (V. Ex.^a) ainda se usa, na linguagem oral, em determinados ambientes ou situações formais como com as autoridades de estado: o Presidente da República, Primeiro Ministro, governadores, senadores, deputados, embaixadores, cónsules, prefeitos, juizes, membros de tribunais, etc., ao passo que, a nível escrito, é largo o seu uso, principalmente na correspondência oficial e comercial. Existe ainda a forma *Vossa Excelência Reverendíssima* (V.E^a.Rev^{ma}) para os bispos em geral.

⁴⁹D. FILIPE II de Espanha (1527-1598), rei de Espanha e de Portugal.

⁵⁰Acessível no: <http://www.seuconcurso.com.br/portuguestiradas/pronometratoamento.htm>, 8.5.2012.

⁵¹ZURARA, Gomes Eanes. *Crónica de tomada de Ceuta* (ed. Europa-América). Lisboa, 1992, p. 76, cit. por LUZ, Marilina dos Santos. Op. Cit., p. 85.

Vossa majestade, última fórmula de tratamento real, deve-se ao rei Filipe II. Nas cortes feitas por este rei em Tomar, em 1581, quando tomou posse do trono português, é essa a única fórmula indirecta de tratamento que lhe é dirigida. Mas o exemplo mais antigo desta fórmula de tratamento é já de 1442:

"...do que se segue a *Vossa Real Magestade*
carreguo com grande conto que desto aja de
dar a Deos..."⁵²

Durante os séculos, este tratamento foi o único que nunca se degradou e ficou sempre como o tratamento de reis até ao fim da monarquia. Hoje em dia emprega-se sempre no tratamento muito cerimonioso e distinguimos várias formas: *Vossa Majestade* (V. M.) ou *Vossa Majestade Real* (V.M.R.) para reis e rainhas, *Vossa Majestade Imperial* (V.M.I.) para os imperadores e imperatrizes e *Vossa Majestade Real & Imperial* (V.M.R.& I.) para monarcas que possuem títulos de rei e imperador ao mesmo tempo⁵³.

2.7 Convivência de tratamentos

Todas as formas mencionadas acima são na sua origem substantivas e têm qualidades de grandeza que se atribuíam à realeza: a merçe = a generosidade, a "alteza", a senhoria, ou seja "o senhorio" dito à italiana, a "excelência" ou a "majestade" e todas conduzem o verbo para a 3.^a pessoa do singular apesar de se referirem à segunda pessoa do discurso.

Todas as formas foram no início usadas só para os reis mas o seu emprego degradou-se sucessivamente e foi na época de Gomes Eanes de Zurara⁵⁴, quando se estendeu o emprego daquelas formas nominais à nobreza e depois também à alta

⁵²SOUSA, A. Caetano. *Provas da história genealógica*, t. I (L. III), 1946: 118, cit. por LUZ, Marilina dos Santos. Op. Cit., p. 84.

⁵³Acessível no: <http://www.seuconcurso.com.br/portuguestiradas/pronometratoamento.htm>, 8.5. 2012.

⁵⁴ZURARA, Gomes Eanes (1410-1474) foi o sucessor de Fernão Lopes, Guarda-mor da Torre do Tombo.

burguesia. Nunca, porém, se degradaram de tal modo como por exemplo *Vossa Mercê* mas foram e sempre são usados na linguagem formal e cerimonial.

O documento que melhor mostra esta expansão de formas nominais é a carta dedicatória da *Crónica da Guiné*, dirigida em 1453 por Zurara. O cronista emprega para o rei os tratamentos de *Vossa Alteza*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Mercee* e também *vós* e mistura os tratamentos substantivos e o pronominal num mesmo parágrafo e engana-se também na concordância gramatical porque usa as fórmulas que exigem a 3.^a pessoa do singular com a 2.^a pessoa do plural:

"Como milhor sabe *Vossa Alteza* que hũa das propriedades do magnanimo he querer ante dar que receber [...]. E, como quer que em *vossos* factos se podessem achar cousas assaz dignas de grande honra, de que bem *poderees* mandar fazer vellume, *Vossa Senhoria*, husando como verdadeiro magnânimo, a quis antes dar que receber. E tanto he *vossa* magnanimidade mais grande quanto a cousa dada he mais nobre e mais excellente. Pollo qual, stando *Vossa Mercee* o anno passado e nesta cidade, me *dissestes* quanto *desejavees* veer postos em scripto os feitos do Senhor Iffante dom Henrique *vosso tyo...*"⁵⁵

As três fórmulas têm, pois, uma história comum na segunda metade do século XV e a mistura destas fórmulas revela a arbitrariedade no seu emprego porque ainda não existiam regras que regulassem o seu uso. Este momento de convivência de vários tratamentos para a mesma pessoa foi, porém, depressa ultrapassado, também graças a leis das cortesias.

2.7.1 Leis das Cortesias

Com a mudança do feudalismo para o regime burguês, as mudanças nas relações políticas, sociais e culturais causaram também sucessiva degradação de formas de tratamento e assim foi necessário regular o seu emprego. Assim, foram feitos decretos que delimitavam o emprego dos títulos e dos tratamentos em Portugal.

⁵⁵ZURARA, Gomes Eanes. *Crónica dos Feitos de Guiné* (ed. Dias Dinis). Lisboa, 1949, p. 9-10, cit. por CINTRA, L. F. Lindley, Op. Cit., p. 21.

Esses decretos chamam-se *Ordenações Filipinas*. Existiram duas Ordenações anteriores a Filipina, as *Ordenações Afonsinas*⁵⁶ e as *Ordenações Manuelinas*.⁵⁷

Em 1597 o filho do imperador Carlos V, Filipe II, publicou as leis que estabeleciam os limites do emprego de cada forma de tratamento e decreveram as consequências para aquelas pessoas que exigissem para si próprios uma fórmula que lhes não fosse adequada segundo esse texto legal. Estas leis são conhecidas por *leis das cortesias*.

As leis fixavam, para o rei e a rainha, o tratamento de *Vossa Majestade*; para os Príncipes, as Princesas, os Infantes e Infantas, os genros e cunhados de reis e as suas noras e cunhadas o tratamento de *Vossa Alteza*; para os filhos legítimos dos Infantes e para o Duque de Bragança a forma *Vossa Excelência*; e para os bispos, arcebispos, duques, marqueses, condes, governadores, embaixadores e vice-reis a fórmula *Vossa Senhoria*.

É interessante que o rei não legislou o emprego de *Vossa Mercê* porque já era usado também nas camadas mais baixas e assim era considerado corrente de mais para que alguém se pudesse sentir honrado com ele. Tinha um campo de utilização vasto e apesar de ser situado a um nível superior ao do simples *vós*, já não era possível o seu emprego como tratamento cortês.

As tentativas de Filipe II de estabilizar o sistema linguístico, porém, não resistiram ao progresso e desenvolvimento no país e um século e meio depois, em 1739, o rei D. João V registou uma nova lei que também ameaçava de castigo cada pessoa que empregasse os pronomes de tratamento para com outras entidades, além das enumeradas.

Nela transforma e alarga o emprego de *Vossa Senhoria* e de *Vossa Excelência*. *Vossa Senhoria* era usada por camadas cada vez mais vastas da sociedade no tempo e o tratamento de *Vossa Excelência* podia dar-se a todos os Grandes Eclesiásticos e Seculares do reino, aos vedores da fazenda, Generais, Almirantes e Concelheiros de Guerra, aias, Donas de Honor e Damas do Paço, etc.

Estas leis dão-nos uma imagem da evolução do sistema dos tratamentos entre os fins do século XVI e o século XVIII e explicam porque e como as formas que eram,

⁵⁶As Ordenações Afonsinas são uma colectânea de leis promulgadas, como primeira compilação oficial do século XV, durante o reinado de Dom Afonso V.

⁵⁷A nova codificação que D. Manuel I promulgou, em 1521, para substituir as Ordenações Afonsinas.

num século, bastante corteses para se dirigir a rei passaram a ser usadas também com outras pessoas nobres no século seguinte e o seu uso alargou-se.

Vemos que, por exemplo, havia preocupação com a organização hierárquica da sociedade por meio da delimitação do sistema de tratamentos e também havia uma tentativa de conquista dos tratamentos *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência* por grupos cada vez mais numerosos e menos situados na escala social como *Vossa Mercê* e *vós*. Por outro lado, dão-nos uma imagem incompleta porque não mencionam nenhuma referência ao que se passava nos níveis inferiores.

2.8 Forma indireta de tratamento e tratamento verbal

A maior revolução no sistema do tratamento português foi provocada a partir do século XIX pelo aparecimento da terceira pessoa do singular, aplicada à segunda pessoa do discurso. Este tratamento chama-se a forma indireta e em Portugal usa-se bastante frequentemente entre as pessoas da mesma idade e categoria social, entre as quais existe uma certa amizade e confiança.

É o uso do referente (3.^a pessoa do singular) acompanhada pelo nome, apelido ou parentesco do interessado. Assim se pode substituir não só a forma *você, o senhor*, mas também *tu*.

O tio quer café?

A Maria não vai sair?

O Rodrigues está a brincar comigo?!

Actualmente, é a forma bastante popular em Portugal porque pode ser empregada em todas as situações quando queremos evitar forma *você* para não ofender alguém e não causar malentendimentos, *tu* consideramos muito informal e íntimo e *o/a senhora* já consideramos ser bastante cerimonioso. A única condição aqui é que deveria existir um certo grau de proximidade entre os falantes. No fim, é tudo sobre "a estratégia" do locutor que forma quer usar.

Outro tratamento frequentemente usado é o tratamento verbal que implica a ausência de sujeito expreso, ou seja, a simples utilização da desinência do verbo. É

uma forma elegante e frequente de contornar o problema das formas de tratamento. Como a língua portuguesa apresenta as desinências pessoais do verbo bastante diferenciadas, a omissão do pronome não implica ambiguidade:

Quer café?

Não vai sair?

Está a brincar comigo?!

É o tratamento ainda mais usado porque usa-se também nas situações onde não há familiaridade entre as pessoas e tem a vantagem de não distinguir a categoria social. É um tratamento "diplomático" porque pode usar-se tanto com um desconhecido quanto com um conhecido. Na verdade, pode usar-se em todas as situações possíveis, excepto aquelas que implicam intimidade.

2.9 As quatro tendências de Cintra

Como vimos a evolução diacrónica e o emprego actual de formas de tratamento mais significativas para o uso da língua portuguesa hoje em dia, é necessário também mencionar o estudo de Cintra de 1972 porque nele enumera quatro tendências mais vivas na evolução de formas de tratamento que, segundo ele, iriam dominar em Português Europeu a partir dos anos setenta. As quatro tendências são:

1. A progressiva eliminação do tratamento por *Vossa Excelência*, principalmente na língua corrente. Se usaria apenas em certas profissões (telefonistas, empregados de comércio, etc.) e em certos ambientes (diplomacia, academias, tribunais, etc.). Ainda se conservaria na língua escrita.
2. O alargamento do campo de emprego do pronome *tu* e da 2.^a pessoa do singular dos verbos, cada vez mais usual entre jovens, mesmo de diversos sexos e até entre pessoas de diversas idades, ou seja, o tuteamento perderia o carácter de intimidade que tinha antes.

3. A ampliação e no mesmo tempo redução do emprego do pronome *você*. O matiz despectivo iria desaparecer e ganharia terreno o seu emprego afectuoso como se regista no Brasil.
4. A manutenção dos tratamentos nominais variados porque têm a vantagem de não distinguir categoria social e também lenta mas progressiva eliminação de tratamentos assentes na diferenciação social. Há, por exemplo, a tendência para eliminar a diferença entre *a senhora Maria* (condição social inferior) e *a Dona Maria* ou *Senhora D. Maria* (condição social superior).

As suas quatro tendências são, de modo geral, verdadeiras mas parece, que são tendências para o futuro e não que isto foi escrito há quarenta anos. Isto implica que a evolução vai mais devagar do que Cintra pensou porque não se pode dizer que a situação actual é como ele imaginava.

É verdade que o emprego da forma *Vossa Excelência* diminuiu e prevalece na língua escrita mas o seu emprego é sempre bastante espalhado entre os portugueses e é a forma mais usada de todas as fórmulas cerimoniais. É comum tratar as autoridades por *Vossa Excelência* embora não o sejam assim como é comum em Portugal tratar as pessoas com cerimónia embora seja desnecessário.

No que diz respeito ao uso de *tu*, é a única tendência mesmo visível na sociedade actual. O tuteamento ultrapassou o carácter de intimidade e usa-se entre as pessoas jovens desconhecidas de sexos e idades diferentes.

A posição de *você* hoje em dia é um pouco diferente. O seu emprego ainda ampliou mas não se reduziu e assim suscita, por um lado, ainda mais malentendimentos porque o seu matiz despectivo ainda persiste e, por outro, as pessoas parecem ser mais abertas graças a influência do Brasil mas de qualquer maneira ainda não podemos falar sobre o seu emprego afectuoso.

Os tratamentos nominais variados são sempre frequentemente usados mas no que toca à eliminação de diferenças sociais entre *senhora Maria/Dona Maria/senhora D. Maria*, entre os portugueses sempre prevalece a opinião que *senhora Maria* usa-se com as mulheres de baixa posição social (mulheres de limpeza, vendedoras) e *Dona Maria/senhora D. Maria* é para mulheres com a educação mais alta.

3 As formas de tratamento no Brasil

Como esclarecemos detalhadamente o sistema de formas de tratamento existentes em Português Europeu contemporâneo, é importante compará-lo com aquele existente no Brasil. Português brasileiro é considerado ser outra norma do Português (outra variante) e com mais de 190 milhões de falantes é também a mais falada. É tão específica e há tantas diferenças significativas entre os dois sistemas que o seu sistema também merece a nossa atenção porque as formas no Brasil evoluíram de maneira bastante diferente.

No Brasil, ao contrário de Portugal e semelhantemente às outras línguas europeias modernas, há um sistema dual de formas de tratamento, devido à expansão do *você* pelo terreno da intimidade. Assim existe só uma oposição de dois membros: *você*, como forma de intimidade, usado no tratamento familiar, e *o senhor/a senhora*, como forma de respeito ou distancionamento no tratamento formal e cerimonioso. O pronome *tu* não faz parte do sistema brasileiro apesar de ser usado como variante regional em alguns estados

A entrada da fórmula *Vossa Mercê* no Brasil se deu de uma forma um pouco diferente. No fim de século XV a forma *vós* já era considerada obsoleta em Portugal e assim o processo de transformação da forma *Vossa Mercê* já se encontrava suficientemente consolidado, ou seja, este tratamento já não possuía mais o seu caráter honorífico. Assim Português levado para o Brasil já foi o Português com variantes de *Vossa Mercê* como formas de tratamento.

A evolução de *Vossa Mercê* deu, como em Portugal, origem às várias corruptelas como: *vosmecê*, *vosmincê*, *vassuncê*, *vainicê*, *vancê*, *ancê*, *mecê*, etc., e continuou ainda mais que em Portugal porque de *você* surgiram formas como *ocê* e *cê* que são frequentemente usadas também actualmente como tratamentos típicos para Português brasileiro falado informal.

Por falta de estudos cronológicos, não se sabe exactamente quando a forma *você* começou a ser usada no Brasil, mas em todo o caso, pode afirmar-se, que já existia nos fins do século XVIII. Lereno a emprega na cantiga Amor não é brinco:

Você trata amor em brinco.

Amor o fará chorar.

Veja lá com quem se mete,

Que não é para zombar.⁵⁸

O século XIX é marcado pela concorrência de *você* com a forma *tu* quando foram ambas formas usadas no mesmo contexto. A substituição do *tu* por *você* como forma de tratamento familiar aconteceu só na virada do século XIX para o XX. Segundo Biderman,⁵⁹ o testemunho desse fenômeno é a correspondência do escritor Machado de Assis. Até os anos 70 ele usava *tu* com os íntimos mas no final do século XIX e começo do XX começa a usar já a forma *você*. A autora também explica a razão desta substituição:

"A sociedade brasileira pode ser tida como uma sociedade aberta e a portuguesa, como uma sociedade fechada. Além de não receber periodicamente novos fluxos de imigrantes (caso do Brasil) Portugal tem-se sempre mantido quase à margem do mundo moderno. A portuguesa é uma sociedade arcaica cujos padrões e relações interpessoais já de há muito desapareceram nas outras sociedades européias, mesmo no mundo latino mais conservador, em geral. Entretanto, existe forte tendência na sociedade brasileira para assimilar e absorver os padrões dos países desenvolvidos."⁶⁰

Assim, no início do século XX, o Brasil começou a preferir *você* como tratamento íntimo e familiar devido às razões não muito bem esclarecedoras e compreensíveis, o que significou quase o total desaparecimento da forma *tu* que é hoje vista como o traço regionalmente marcado. Temos só um sistema binário *você* vs. *o senhor/a senhora*. Não existe aqui uma gradação intermediária entre a familiaridade e o formalismo como em Portugal. Cunha fez a seguinte distinção na relação ao emprego de *tu* e *você*:

⁵⁸NASCENTES, Antenor. *O tratamento de você no Brasil*. Separata de Letras, nº 5-6, Curitiba, 1956, p. 117.

⁵⁹BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Op. Cit., 1972-1973.

⁶⁰Ibid., p. 367-368.

"No Português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior."⁶¹

A forma de tratamento *tu* conserva-se como tratamento cotidiano ainda em alguns estados do Brasil, principalmente no Sul: (Rio Grande do Sul, Santa Catarina) mas também no Nordeste (Maranhão), Norte (Pará) e no Sudeste (Rio de Janeiro), embora geralmente sem a concordância correcta porque desaparece o "s" no final: *Tu* fica em casa. *Tu vai* ver. *Tu é* linda, o que pode ser visto como a má analogia com o emprego de *você* que exige o verbo na 3.^a pessoa do singular.

Diferente é também o emprego de *você* na gramática. As suas formas átonas: *o*, *a* e *lhe* foram substituídas por tónicas *você*, *a você* e *para você* e assim são usados como pronomes oblíquos directos: Acho *você* jovem. Trouxe isto *para você* (no Português Europeu: Acho-*o* jovem e Trouxe-*lhe* isto).

Os pronomes oblíquos *te/ti* e os pronomes possessivos *teu/tua* são ainda utilizados em combinação com formas pronominais e verbais de terceira pessoa. Aparecem frequentemente na linguagem familiar no país inteiro misturados com *você*. É mesmo o gosto popular. Os brasileiros não respeitam a concordância do sujeito e do verbo e assim se ouvem as frases como: *Você* esteve na praia? Eu também estive mas não *te* vi lá. Apesar de este uso ser comum, usa-se só na fala cotidiana e não na linguagem formal escrita porque há muitas pessoas que condenam o seu uso e consideram-no incorrecto.

As formas *o senhor/a senhora* usam-se em todas as situações formais ou em situações de pouca familiaridade porque os brasileiros não gostam de tratar os outros pelos títulos (o senhor engenheiro, a senhora doutora) como frequentemente acontece em Portugal. Também a forma indireta (3.^a pessoa do singular acompanhada pelo nome, apelido ou parentesco: O Pedro não vai sair? A mãe quer café?) não é muito comum no Brasil.

O tratamento *vós* desapareceu cedendo lugar a *vocês*. *Vós* actualmente usa-se só na língua escrita e em situações oficiais e cerimoniais. As expressões nominais como

⁶¹Ibid., p. 284.

Vossa Excelência ou *Vossa Senhoria* são ainda menos usadas como em Portugal, aparecem raramente e apenas em situações muito formais como discursos e defesas de tese em universidades ou com altas autoridades do estado.

Podemos concluir que as regras do uso no sistema de formas de tratamento são no Português Brasileiro muito bem delimitadas e esclarecedoras porque existe aqui um sistema dual como na maioria das línguas europeias: a oposição entre *você* para a intimidade e *o senhor/a senhora* para a cortesia. Os brasileiros mostram assim o desejo de simplificar as formas existentes o que não podemos dizer sobre o Português Europeu onde há grande confusão e opiniões diferentes no que diz respeito ao emprego das formas. É também o factor significativo que mostra como as formas de tratamento evoluíram de maneira bastante diferente em duas normas da mesma língua.

4 O uso das formas de tratamento na actualidade

O modelo proposto de Brown e Gilman publicado em 1960, como já comentámos, distingue só dois factores: *poder* e *solidariedade* como cruciais nas relações sociais existentes entre os interlocutores. Isto, hoje em dia, parece ser mesmo inactual, insuficiente e não aplicável para todas as possibilidades que existem na língua portuguesa contemporânea.

O problema do Português Europeu é que há grande diferença entre a convenção do uso e as formas de tratamento existentes. Isto significa que podemos conhecer todas as formas na gramática portuguesa mas é mesmo difícil de restringir com precisão qual forma usar em que contexto. Há ainda mais contextos do que as formas e, por mais, os contextos são socialmente marcados.

Os dois aspectos sociolinguísticos mais importantes na escolha duma forma ou outra são *a proximidade/intimidade vs. distanciamento/afastamento* entre os falantes e *a hierarquia social* porque o tratamento funciona diferentemente com as camadas mais altas e as camadas baixas. Entre outros factores distinguem-se também:

- *a educação e as habilitações académicas* – é claro que vamos tratar de maneira diferente alguém que possui o título de doutor (*O senhor doutor tem tempo para mim?*) e alguém que tem só a instrução primária (*O senhor tem tempo para mim? Tem tempo para mim?*).
- *a formalidade ou informalidade* da situação – na situação formal temos que tratar as pessoas com devido respeito (*Vossa Excelência, o senhor/ a senhora*) e na situação informal usamos na maioria o tratamento de *tu*.
- *a superioridade e inferioridade* dos falantes ou *a igualdade* entre eles – aqui surgem os problemas porque *a superioridade* e *a inferioridade* são os termos subjectivos e dependem de ponto de vista de cada pessoa. Mas, em geral, tratar alguém superior implica usar o tratamento mais respeitoso e formal e tratar alguém inferior (na escala social, em idade) implica o tratamento menos formal. *A igualdade* entre falantes implica também o tratamento menos formal.
- *o respeito e a cortesia* – sempre implicam o tratamento formal (*o senhor/a senhora*)

- *o protocolo* – aqui usamos o tratamento mais formal possível (*Vossa Excelência, Vossa Santidade, Excelentíssimo Senhor Professor, Magnífico Reitor, etc.*)
- *a idade* – quando falamos com a pessoa mais idosa é claro que vamos usar o tratamento mais formal (*o senhor/ a senhora*) e quando falamos com uma criança vamos tratá-la por *tu*.
- *o grau de parentesco*- usa-se o tratamento por *tu* na maioria dos casos com os pais, irmãos, primos, tios, avós, etc. mas, por exemplo, com parentes de segundo ou terceiro grau já se prefere o tratamento mais formal.
- hoje em dia também "*o chique*"- os tratamentos que pertencem ao este grupo são todos aqueles que os portugueses gostam de usar tanto embora saibam que são desnecessários (*o senhor arquitecto, o senhor engenheiro, etc.*) e que esta estima exagerada, em muitas situações, não é adequada.

Há tantas factores possíveis que é bastante claro que dizer que a escolha duma forma ou outra depende só de *poder* e *solidariedade* é uma mentira. A escolha e o uso sempre depende, tanto de relação a desconhecidos como a conhecidos, de muitos factores e por isso podemos considerar o sistema português unicamente complexo e rico nas formas e possibilidades existentes. Esta enumeração de possíveis factores que influenciam a escolha das formas serviu também para a seguinte análise da ocorrência de tratamentos individuais em Português contemporâneo do nosso questionário.

4.1 O questionário

Como já vimos, os estudos dos melhores linguistas portugueses e estrangeiros ou a própria história da evolução do sistema das formas de tratamento não nos ofereceram bastantes informações explicativas sobre o emprego das formas de tratamento hoje em dia perante todas as possibilidades e factores existentes que temos que tomar em consideração.

Por isso achamos importante realizar uma pequena investigação sobre a intuição dos falantes nativos no que diz respeito ao emprego das formas de tratamento no

Português Europeu contemporâneo, o que levou à elaboração deste questionário com alguns exemplos das fórmulas mais usadas na actualidade.

Como se trata duma matéria muito diversificada e complexa, não é surpreendente que, nas informações recolhidas, frequentemente se encontraram as dúvidas e as dificuldades no seu uso em contextos diferenciados. O surpreendente é que as opiniões dos portugueses se diferem de pessoa para pessoa, o que só verifica a grande necessidade de estabelecer as regras estritas e uniformes no seu emprego.

4.2 Metodologia

O questionário foi aplicado a 88 portugueses de diferentes sexos, profissões e idades. Optámos por uma amostra ocasional, mas no que diz respeito à sua educação, porém, trata-se de pessoas que frequentaram a Universidade (90,9%), ou frequentaram a Escola Secundária (9,1%). Assim este questionário exclui as pessoas que frequentaram apenas a Escola Primária porque como foi o questionário acessível só na internet, nenhuma pessoa com instrução primária tem-no preenchido.

Os questionários foram preenchidos por pessoas com:

Ensino Secundário	8 pessoas (9,1%)
Frequência Universitária	80 pessoas (90,9%)

No que diz respeito a idade, dividimos as pessoas em grupos com idades entre os 15-30, 31-50, e 51- anos. Outra vez, porém, trata-se só de pessoas de 15-30 anos (38,6 %) e de 31-50 anos (61,4%). Ninguém das pessoas mais velhas que 50 anos tem preenchido o questionário, o que mostra como é difícil adquirir a opinião das pessoas mais velhas e só com instrução básica através deste tipo de questionário.

Os questionários foram preenchidos por:

As pessoas até aos 30 anos	34 pessoas (38,6%)
As pessoas dos 31 aos 50 anos	54 pessoas (61,4%)

No que diz respeito a profissão e a sexo, dividimos as pessoas em dois grupos: 36 **Estudantes** (40,9%) e 52 **Trabalhadores** (59,1%), dos quais 40 pessoas são **do sexo masculino** (45,5%) e 48 pessoas são **do sexo feminino** (54,5%).

Esta análise estatística pretendeu verificar como varia o emprego das formas de tratamento em Português Europeu no que diz respeito às situações diferentes (proximidade vs. distancionamento entre os falantes) e à idade dos locutores, ou seja, o objectivo foi o de saber se, por exemplo, uma pessoa com mais idade utiliza formas de tratamento diferentes de outra pessoa com menos idade ou se os falantes de 20 anos e os falantes de 45 anos utilizam as mesmas formas de tratamento ou se a idade é o factor de diferenciação nas formas utilizadas.

As habilitações académicas não são tidas em conta como o nível da escolaridade dos inquiridos mostrou a grande uniformidade e assim não é relevante para o nosso estudo. No questionário dá-se o foco especial no pronome *você* que, hoje em dia, parece fazer mais problemas. A amostra, apesar de parecer ser não muito variada, mostra os resultados bem diversos e assim se revela significativa.

O questionário é constituído por 15 frases nas situações diferenciadas e o factor mais importante foi a familiaridade vs. distanciamento entre o locutor e o interlocutor, ou seja, Conhece/Não Conhece. O objectivo foi testar as dúvidas relativamente a formas identificadas e encontrar o uso actual das formas de tratamento no Português Europeu. É também importante mencionar que as questões são fechadas, o inquirido tem que escolher só uma das possibilidades a fim de minimizar dúvidas e facilitar a análise. As frases são iguais para as quatro situações e, nelas, o inquirido:

1. Dirige-se a alguém que não conhece
2. Dirige-se a alguém que conhece de idade superior mas com quem não tem intimidade
3. Dirige-se a alguém que conhece de idade inferior mas com quem não tem intimidade
4. Dirige-se a amigos ou familiares

4.3 Questionário dado aos portugueses

1. **Sexo:** Feminino-Masculino

2. **Idade:** Até aos 30

Dos 30 aos 50

51+ anos

3. **Como se dirige a várias pessoas que não conhece?:**

Algum de *vós* tem horas?

Algum de *vocês* tem horas?

Vós tendes horas?

Vocês têm horas?

Têm horas?

4. **Como se dirige a várias pessoas que conhece?:**

Algum de *vós* tem horas?

Algum de *vocês* tem horas?

Vós tendes horas?

Vocês têm horas?

Têm horas?

5. **Como se dirige a pessoas do sexo feminino que não conhece?:**

A senhora tem horas?

A senhora D. Maria tem horas?

A senhora Maria tem horas?

Tem horas?

Você tem horas?

Tens horas?

6. Como se dirige a pessoas do sexo feminino que conhece (de idade superior), com quem não tem intimidade?:

A senhora tem horas?

A senhora D. Maria tem horas?

A senhora Maria tem horas?

Tem horas?

Você tem horas?

Tens horas?

7. Como se dirige a pessoas do sexo feminino que conhece (de idade inferior), com quem não tem intimidade?:

A senhora tem horas?

A senhora D. Maria tem horas?

A senhora Maria tem horas?

Tem horas?

Você tem horas?

Tens horas?

8. Como se dirige a pessoas do sexo masculino que não conhece?:

O senhor tem horas?

O senhor Joaquim tem horas?

O Joaquim tem horas?

Tem horas?

Você tem horas?

Tens horas?

9. Como se dirige a pessoas do sexo masculino que conhece (de idade superior), com quem não tem intimidade?:

O senhor tem horas?

O senhor Joaquim tem horas?

O Joaquim tem horas?

Tem horas?

Você tem horas?

Tens horas?

10. Como se dirige a pessoas do sexo masculino que conhece (de idade inferior), com quem não tem intimidade?:

O senhor tem horas?

O senhor Joaquim tem horas?

O Joaquim tem horas?

Tem horas?

Você tem horas?

Tens horas?

11. Como se dirige a amigos ou familiares (sexo masculino)?

O senhor tem horas?

O senhor Joaquim tem horas?

O Joaquim tem horas?

Tem horas?

Você tem horas?

Tens horas?

12. Sente-se ofendido/a ou sente algum "desagrado" por ser tratado por você?

Sim

Não

13. Quando usa você?

Com pessoas desconhecidas de idade superior

Com pessoas desconhecidas de idade inferior

Com pessoas de pouca familiaridade

14. Porque usa você?

Para expressar respeito

Para expressar superioridade

Como emprego de igual para igual

Porque não conhece bem a pessoa

Não uso

15. Quem o/a trata por você?

Pessoas desconhecidas de idade superior

Pessoas desconhecidas de idade inferior

Pessoas de pouca familiaridade

Pessoas que querem expressar a sua superioridade

Pessoas que querem expressar o seu respeito

Como emprego de igual para igual

Ninguém

4.4 Análise de dados

Quando se analisam os resultados das formas de tratamento empregadas nas diferentes situações (proximidade vs. distancionamento) é de esperar que se verifique uma diferença significativa. O que não seria tão esperável é que essa diferença se mantém quando os grupos em análise têm alguma afinidade, como no caso em que o falante se dirige a pessoas que não conhece, ou a pessoas com mais idade por um lado e a pessoas com menos idade e amigos/familiares, por outro.

Segue-se a tabela dos resultados:

	Algun de vós tem horas?	Algun de vocês tem horas?	Vós tendes horas?	Vocês têm horas?	Têm horas?	A senhora tem horas?	A senhora D. Maria tem horas?	A senhora Maria tem horas?	A Maria tem horas?	Tem horas?	Você tem horas?	Tens horas?	O senhor tem horas?	O senhor Joaquim tem horas?	O Joaquim tem horas?	Tem horas?	Você tem horas?	Tens horas?
Não conhece	7	18	2	9	52	48	4	0	0	26	10	0	41	5	0	40	2	0
Conhece	2	29	4	14	39	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Idade superior	-	-	-	-	-	30	16	16	2	16	8	0	37	24	0	19	6	2
Idade inferior	-	-	-	-	-	8	0	2	13	31	6	28	2	2	8	32	6	38
Amigo/Familiar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	13	0	6	69

Tabela I

4.4.1 Análise segundo a proximidade vs. distancionamento entre os falantes

Observou-se, na Tabela I, que se o locutor não conhece o interlocutor ou é uma pessoa de idade superior, a maioria dos portugueses trata essa pessoa muito formalmente, ou seja, usa a construção *o senhor/a senhora: A senhora tem horas?*

(54,5%)/*O senhor* tem horas? (46,6%). Isto foi seguido pelo emprego sem sujeito expreso: *Tem horas?* que hoje em dia permite evitar os problemas do tratamento e da formalidade desnecessária. 29,5% de pessoas escolheram esta forma para se dirigir às mulheres que não conhecem e até 45,4% pessoas para se dirigir aos homens o que implica que o emprego da 3.^a pessoa sem sujeito expreso está mais e mais a aumentar.

Muitas vezes, com pessoas de idade superior, esta construção é seguida pelo nome do interlocutor: *A senhora Maria* tem horas? (18%)/ *A senhora D. Maria* tem horas? (18%)/ *O senhor Joaquim* tem horas? (27,2%). E outra vez, as pessoas preferem o uso da 3.^a pessoa quanto com o sexo feminino (18%) tanto com o sexo masculino (21,6%).

Também se ainda nota, apesar de o número não ser tão grande, o uso da forma *você* como tratamento de distancionamento com as pessoas desconhecidas (13,6%), com as pessoas de idade superior como forma de respeito (15,9%) e também com as pessoas de idade inferior como forma que se usa nas situações de pouca familiaridade (13,6%), o que só prova que o emprego de *você* não é nada restringido.

Se se trata duma pessoa de idade inferior os resultados mostram as atitudes diferentes. Com o sexo masculino a maioria de pessoas usa o tratamento informal: *Tens horas?* (43%), seguido pelo tratamento verbal sem sujeito expreso: *Tem horas?* (36,3%) mas com o sexo feminino, ao contrário, o tratamento mais formal *Tem horas?* é mais usado (35,2%) do que o tratamento informal *Tens horas?* (31,8%). As diferenças não são significativas ou grandes mas implicam que os portugueses preferem a certa formalidade na maioria de situações, mesmo com as pessoas de idade inferior mas claro que aqui o emprego de uma forma ou da outra depende de vários factores como a situação e/ou da idade do interlocutor.

4.4.2 Análise segundo a idade do interlocutor

Esta análise serviu para determinar se havia variação no uso da forma de tratamento no que diz respeito à idade do interlocutor embora com a formação académica quase idêntica. Neste caso pode considerar-se que as pessoas pertenciam a duas gerações sucessivas. Um dos aspectos foi também o uso da forma *você* que poderia estar ou não generalizada em especial entre as pessoas mais jovens.

Seguem-se os resultados das pessoas até aos 30 anos:

	<i>Algun de vós tem horas?</i>	<i>Algun de vocês tem horas?</i>	<i>Vós tendes horas?</i>	<i>Vocês têm horas?</i>	<i>Têm horas?</i>	<i>A senhora tem horas?</i>	<i>A senhora D. Maria tem horas?</i>	<i>A senhora Maria tem horas?</i>	<i>A Maria tem horas?</i>	<i>Tem horas?</i>	<i>Você tem horas?</i>	<i>Tens horas?</i>	<i>O senhor tem horas?</i>	<i>O senhor Joaquim tem horas?</i>	<i>O Joaquim tem horas?</i>	<i>Tem horas?</i>	<i>Você tem horas?</i>	<i>Tens horas?</i>
Não conhece	4	9	2	6	13	15	2	0	0	11	6	0	13	6	0	13	2	0
Conhece	0	8	2	9	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Idade superior	-	-	-	-	-	6	6	8	2	6	6	0	14	11	0	3	4	2
Idade inferior	-	-	-	-	-	2	0	0	6	10	2	14	0	0	6	11	2	15
Amigo/Familiar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	5	0	2	27

Tabela II

Dos 30 aos 50 anos:

	<i>Algun de vós tem horas?</i>	<i>Algun de vocês tem horas?</i>	<i>Vós tendes horas?</i>	<i>Vocês têm horas?</i>	<i>Têm horas?</i>	<i>A senhora tem horas?</i>	<i>A senhora D. Maria tem horas?</i>	<i>A senhora Maria tem horas?</i>	<i>A Maria tem horas?</i>	<i>Tem horas?</i>	<i>Você tem horas?</i>	<i>Tens horas?</i>	<i>O senhor tem horas?</i>	<i>O senhor Joaquim tem horas?</i>	<i>O Joaquim tem horas?</i>	<i>Tem horas?</i>	<i>Você tem horas?</i>	<i>Tens horas?</i>
Não conhece	6	9	0	0	39	33	2	0	0	15	4	0	28	0	0	26	0	0
Conhece	2	21	2	5	24	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Idade superior	-	-	-	-	-	25	10	7	0	10	2	0	23	13	0	16	2	0
Idade inferior	-	-	-	-	-	6	0	2	8	17	4	17	2	2	4	21	2	23
Amigo/Familiar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	6	0	6	42

Tabela III

Feita a observação dos resultados, nota-se que há variações ligeiras entre as formas utilizadas. É interessante verificar que as diferenças só são evidentes quando se analisa a forma como estes grupos se dirigem a pessoas com Mais/Menos Idade. Aqui, as pessoas mais velhas utilizam, na maioria, o tratamento mais formal, com as pessoas de idade superior mas também com pessoas de idade inferior (embora a diferença entre o uso formal e informal neste caso seja muito pequena): *Tem horas?* (35,1%)/ *Tens horas?* (37%).

Ao contrário, as pessoas mais jovens usam maior informalidade no tratamento, tanto com as pessoas de idade superior como também com os desconhecidos. O mesmo número de pessoas indicou o tratamento: *O senhor tem horas?* (38,2%) como: *Tem horas?* (38,2%) na situação quando se dirigem a pessoas do sexo masculino. No caso do sexo feminino os resultados são parecidos: *A senhora tem horas?* (44,1%) e *Tem horas?* (32,4%).

A variação nas formas de tratamento utilizadas para Amigos/Familiares é muito pequena sendo praticamente unânime o tratamento feito através do verbo na 2.^a pessoa do singular: *Tens horas?* (79% no caso de pessoas até 30 anos e 77,8% no case de pessoas a partir de 31 anos). A segunda forma mais usada foi a forma indireta de tratamento: *O Joaquim tem horas?* (14,7% no caso de pessoas até 30 anos e 9,4% no case de pessoas a partir de 31 anos).

Interessante é também o caso da frase: *Vós tendes horas?* porque o seu uso, apesar de ser regionalmente restrito, não tem nada a ver com a idade dos falantes (4,54 % no caso de pessoas até 30 anos e 6,81% no case de pessoas a partir de 31 anos na situação quando se dirigem às pessoas que não conhecem).

No que diz respeito ao uso de *você*, é óbvio que os portugueses mais jovens usam-no mais frequentemente que os mais velhos, embora o número seja relativamente pequeno. Os jovens parecem ter menos prejuízos com o seu uso, o que pode também ser uma grande influência dos programas na televisão mas também das telenovelas brasileiras.

4.4.3 Análise do uso da forma *você*

Como a questão do uso *você* é muito discutida hoje em dia e os portugueses não se podem pôr de acordo, esta análise serviu para determinar a situação de *você* em Português Europeu actual e descobrir o que os portugueses acham sobre este pronome cheio de contradições.

Como o Gráfico I mostra, até 36,36% dos portugueses costuma ofender-se por ser tratado por *você*, o que parece número muito grande quando pensamos na influência da televisão ou dos anúncios na rádio. A sociedade portuguesa é, porém, muito conservadora. Apesar de *você* ser utilizado cada dia mais e mais, os portugueses, que acham este tratamento depreciativo, não o aceitam nem aceitarão porque para eles é grande ofensa e falta de educação, o que na realidade já não é.



Gráfico I

O Gráfico II revela que até 52,27% dos portugueses não usam a forma *você* na fala cotidiana. E o resto das pessoas, se usa esta forma, usa-a nas situações com pessoas de pouca familiaridade (36,36%), ou seja, quando não quer expressar nem bastante formalidade nem bastante informalidade. 23,28% das pessoas indicaram o uso com pessoas desconhecidas de idade superior o que é que é mais uma prova que sempre há muitos portugueses que acham este tratamento respeitoso. 9,09% das pessoas indicaram também o emprego com as pessoas desconhecidas de idade inferior.

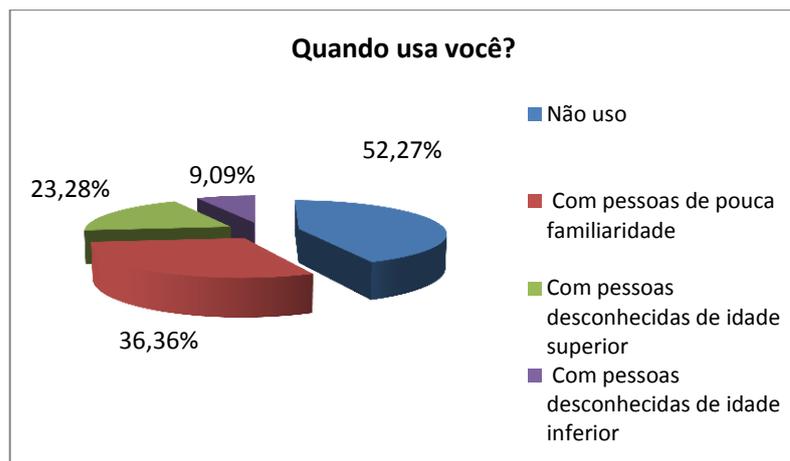


Gráfico II

O Gráfico III mostra a mesma coisa. A maioria dos portugueses (52%) não usa o tratamento *você* e se o usa é para expressar respeito (36,27%) ou com as pessoas de pouca familiaridade (22,18%). O surpreendente é que só 4,55% dos portugueses indicaram o uso de *você* como tratamento de igualdade o que é mesmo pouco e implica que os portugueses não gostam de igualdade e vivem numa sociedade que é fortemente hierarquizada e cada pessoa tem o seu papel social. Ninguém também indicou *você* como tratamento de superioridade.

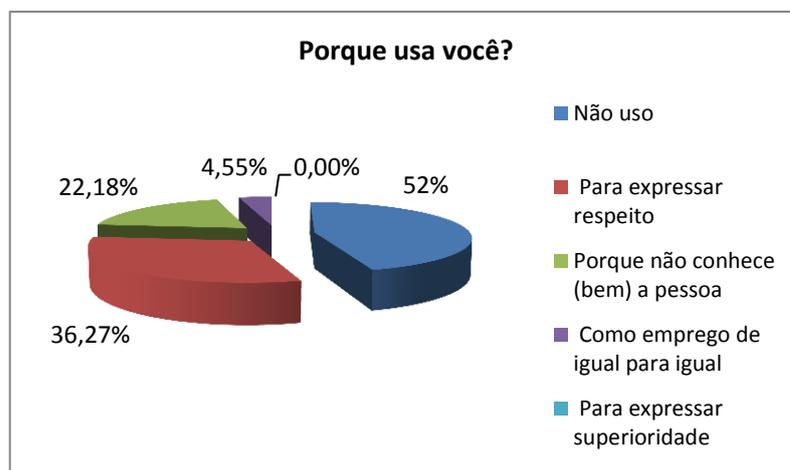


Gráfico III

O último gráfico revela as opiniões dos portugueses sobre a atitude das pessoas que os tratam por *você*. As respostas mostram as tendências no uso de *você* hoje em dia que se têm mudado muito durante os últimos anos. Como já o Gráfico II e III

mostraram, a maioria das pessoas que usa esta forma, usa-a como tratamento de pouca familiaridade (38,64%), ou com as pessoas desconhecidas de idade superior (27,36%), o que indica o tratamento respeitoso.

Você como tratamento de igualdade e de superioridade, outra vez muito surpreendente, indicou só 15,91% dos portugueses, o que nos faz pensar que é possível que estas interpretações de *você*, estão pouco a pouco a desaparecer. *Você* usa-se também com as pessoas desconhecidas de idade inferior (15,91%) o que tem que ver outra vez com as situações de pouca familiaridade.

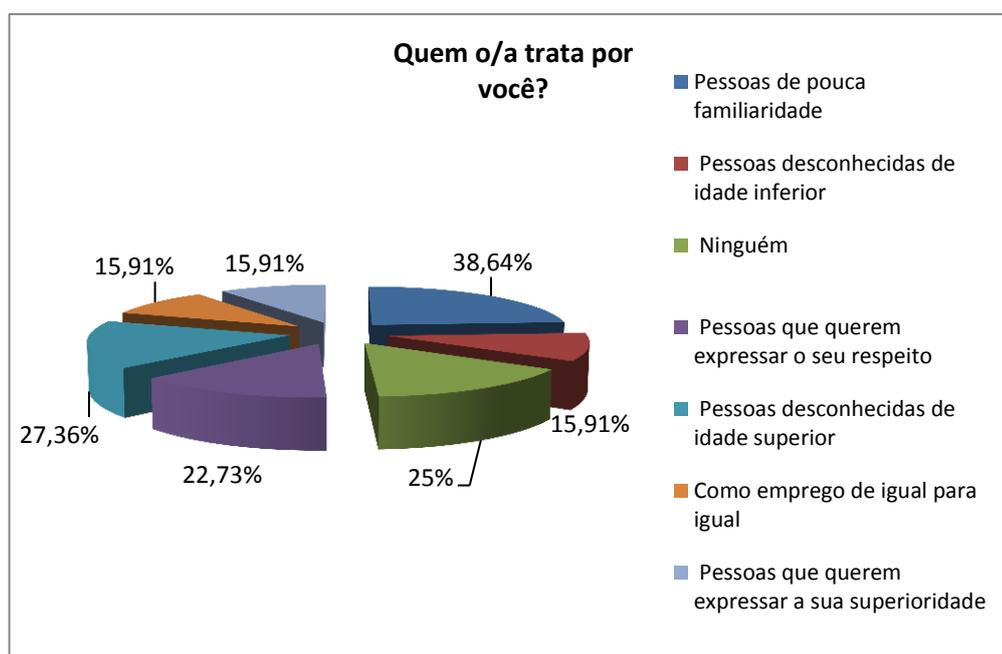


Gráfico IV

4.5 Conclusões do questionário

Com este questionário foi possível demonstrar como o uso de formas de tratamento em Português Europeu actual, de uma forma geral, depende da situação diferente (familiaridade vs. proximidade entre os interlocutores), assim como da idade. (o grupo até 30 anos e o grupo de 31 até 50 anos).

Pode concluir-se que a maior diversidade no tratamento se encontra nas formas que o locutor utiliza para se dirigir a interlocutores com menos idade ou mais idade.

Com as pessoas de idade superior as mais frequentes são as formas: *O/A senhor/a tem horas? O senhor Joaquim tem horas?/A senhora Maria tem horas?/A senhora D. Maria tem horas? Tem horas?* e o número pequeno indicou também a forma *Você tem horas?* Com as pessoas de idade inferior encontram-se apenas duas formas mais usadas: *Tens horas* e *Tem horas?* e as diferenças entre a escolha duma forma ou outra são mesmo pequenas.

Por outro lado, verifica-se uma uniformidade nos tratamentos a interlocutores que o locutor não conhece através do tratamento geral de cortesia *o senhor/a senhora: O/A senhor/a tem horas?* ou o emprego do tratamento verbal sem sujeito expresso: *Tem horas?* e a amigos/familiares fazendo recurso à forma verbal da 2.^a pessoa: *Tens horas?*

No que diz respeito ao uso da forma *você*, foi possível demonstrar que hoje em dia, sempre, grande número dos portugueses se sente ofendido por ser tratado por *você* (36,36%) e que a maioria deles não usa este tratamento (52%). Entre o resto das pessoas, *você* usa-se como tratamento de pouca familiaridade (quanto com pessoas de idade superior tanto com as pessoas de idade inferior), ou como tratamento respeitoso. *Você* como tratamento de igualdade e de superioridade está, pouco a pouco, a desaparecer.

Esta investigação revela-se significativa pois nas respostas pode verificar-se, por um lado, uma uniformidade, o que leva a pensar que existe um reforço no uso de certas formas de tratamento (*o/a senhor/a, tu*) e, por outro, que há grande confusão na interpretação de formas porque o seu contexto não é bem limitado (*você*). No entanto, há formas que aparecem de uso esporádico, como é o caso de *você/vós: Você tem horas? Vós tendes horas?*

A análise dos resultados permitiu também verificar a evolução da língua portuguesa confirmando a desactualização de estudos feitos antes e mostrou que são, no primeiro lugar, a hierarquia social e familiaridade vs. distancionamento entre os locutores o que influencia a escolha de formas. Apesar de este questionário não abranger todas as situações existentes, os seus resultados indicam, certamente, tendências a considerar como, por exemplo, que *você de igualdade* e *você de superioridade* têm actualmente só pequeno emprego e com o tempo vão, pouco a pouco, ser usado ainda menos ou vão desaparecer.

5 Conclusão

Através de várias classificações do sistema actual de formas de tratamento existentes, a alteração do seu emprego ao longo da história, descrição de estudos principais por parte dos autores nacionais e estrangeiros, e também através da análise da própria investigação efectuada, sintetizámos o emprego das formas de tratamento mais usadas hoje em dia em Português Europeu contemporâneo nos contextos diferenciados, como também explicámos a problemática do seu uso.

Mostrámos que o sistema de tratamento em Portugal oferecia a escala riquíssima de possibilidades do emprego das formas de tratamento dependendo de vários factores sociolinguísticos (hierarquia social, formalidade vs. informalidade, a educação, etc.), o que não é tão frequente para outras línguas europeias. Assim a classificação do sistema português é muito complexa e, por isso, os portugueses têm hoje em dia opiniões diferentes sobre a utilização das formas individuais.

Como a princípio vimos, o sistema de tratamentos em Português antigo (até finais do século XIV, início do século XV) foi muito simples, reduzido só a um sistema duplo: forma *tu* usada como tratamento de intimidade entre pessoas próximas e forma *vós* como plural indiferente ou singular cortês possível usar tanto com um desconhecido qualquer quanto com o próprio rei. Este *vós*, quando dirigido ao rei, foi muitas vezes secundado pelo vocativo *senhor* onde já podemos ver os inícios da tentativa de distinguir o rei de outras pessoas e dar-lhe o tratamento especial.

Depois, no século XV, o sistema começou a complicar-se. *Tu* e *vós* continuaram a ser usados na fala cotidiana sem alteração de sentido mas o que mudou foi o tratamento real porque apareceram as formas de cortesia elevada como: *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência* e *Vossa Majestade*. Todas apareceram mais ou menos no mesmo período e conviveram juntas. Por isso era possível tratar o rei com qualquer um de tratamentos acima mencionados durante todo o século XV.

Durante o século XVI *Vossa Mercê*, que foi depois de *vós* o primeiro tratamento dirigido ao rei, começou a degradar-se e foi sucessivamente dado à alta nobreza, ao clero e por fim ao povo neste período curto. Assim o tratamento, que começou a ser usado primeiro para os nobres e eclesiásticos, decresceu para o povo e o povo acabou, por onde começaram os reis. No século XVII chegou até ser considerado o tratamento

insultoso. Outras formas nominais, porém, não se vulgarizaram de tal maneira mas ficaram exclusivamente pertencentes à realeza ou às altas autoridades do Estado.

No século XVIII *Vossa Mercê* degradou-se até tal ponto que já podemos falar sobre o processo de pronominalização de *Vossa Mercê* em *você* e o início do século XIX é marcado pela sua gramaticalização quando se emprega como o tratamento de igualdade. Neste período a forma *vós* cortês dirigida a só uma pessoa desapareceu totalmente. A partir do século XIX começaram a ser usadas também as formas indiretas de tratamento como: a Maria, o Pedro, o pai, etc. *Vós* como plural indiferente foi substituído pela forma *vocês* no início do século XX.

No Brasil a evolução tomou um rumo bem diferente. No século XVI houve também a oposição entre *tu* e *vós* mas quando o Brasil foi descoberto, a forma *Vossa Mercê* existiu já com as suas variantes degradadas e isto foi o sistema que foi levado para o Brasil. No século XVIII já se usa a forma pronominalizada *você* e durante todo o século XIX quanto *você* tanto *tu* são usados no mesmo contexto como formas de intimidade. A substituição de *tu* por *você* aconteceu no fim do século XIX e assim surgiu o sistema do Português do Brasil actual que possui o sistema binário: *você* para intimidade e *o senhor/a senhora* como formas de respeito. *Tu* fica só como tratamento regionalmente restrito.

Assim, falando da situação contemporânea, ao contrário do Brasil, Português Europeu actualmente possui um sistema triplo: *tu* para a intimidade, *você* de transição e *o senhor/ a senhora* corteses. E, por cima, há número excessivo de formas nominais do tratamento indireto e também o tratamento verbal que se usa sem o sujeito expresso. O emprego de *vós* fica restrito ao uso regionalmente marcado, às situações muito formais e à língua religiosa. *Vossa Majestade* ficou na língua como o tratamento real e outras formas nominais de elevada cortesia usam-se como as fórmulas cerimoniais na linguagem protocolar.

O maior problema suscita a forma *você*, que não é uma forma de tratamento totalmente bem aceite por parte dos falantes do Português Europeu, visto que a sua ocorrência está fortemente condicionada por factores sociais e pragmáticos como a hierarquia social, a intimidade vs. distancionamento existentes entre os falantes, a idade, a escolaridade, o respeito, o ambiente regional dos falantes, etc.

O questionário realizado ao longo deste trabalho também mostrou que a estrutura actual das formas de tratamento em Português está longe de se nos apresentar

como algo de estabilizado. Há tantas lacunas na gramática portuguesa que não é até possível. A sensibilidade de portugueses ao uso de formas de tratamento é bastante diversificada e há grande falta de conhecimento sobre o uso correcto.

É mesmo indispensável restringir o número de interpretações de *você* na língua portuguesa desaparecendo assim a incómoda e desnecessária multiplicidade de tratamentos que hoje em dia esta forma possui. Seria também interessante fazer um estudo mais profundo do uso cotidiano do ponto de vista da hierarquia social, da educação, do grau de parentesco ou comparar as conotações diferentes entre as formas como: *A Maria* está à espera. *A senhora Maria* está à espera. *A senhora D. Maria* está à espera. *A Maria Gomes Carvalho* está à espera. O problema é que todos os estudos vão enfrentar o mesmo problema: insuficiente delimitação do emprego de tratamentos.

No que diz respeito às tendências futuras, como é evidente, é impossível prever a evolução das formas de tratamento porque não são só indivíduos que influenciam e agem sobre a língua que falam mas é também a própria estrutura do Português e a mentalidade portuguesa. Como é uma língua cortês, baseada na forte hierarquização social, será muito difícil alterar o sistema existente e deixar de tratar as pessoas com cerimónia, apesar de não ser adequada. Existe até teoria que os portugueses não amam a igualdade social. Só assim se pode explicar a complexidade do sistema de tratamentos.

O sistema em vigor tem muitos pontos fracos, há evoluções importantes em marcha mas a evolução vai tão devagar que vai durar décadas para ver os resultados. As tendências manifestam-se, principalmente, nas camadas jovens que parecem ser mais abertas às novidades e usam maior informalidade no tratamento. O tratamento verbal fica mais e mais espalhado entre os portugueses, o que também pode indicar uma tentativa de ser "diplomático" e não distinguir a classe social.

A aceitabilidade da forma de tratamento *você* parece ser algo imprevisível. Esta forma está a ser cada vez mais usada na televisão em diversos programas, nas telenovelas brasileiras e nos anúncios na rádio. Por um lado, isto pode implicar que em alguns anos o seu uso vai alargar-se e já não vai ser visto como o tratamento desrespeitoso ou até depreciativo mas, por outro, *você* não se usa como tratamento de igualdade e de superioridade mas prevalece o seu uso nas situações de pouca familiaridade. Levará anos para resolver estas questões mas, por certo, será interessante observar as alterações do sistema português de formas de tratamento que estão em marcha.

Anexos

Inclui-se uma pequena listagem de alguns exemplos de **formas de tratamento formal, cerimonioso e protocolar:**

EXPRESSÃO DE REVERÊNCIA	AUTORIDADE OU DIGNITÁRIO	ABREVIATURA
Vossa Senhoria	Oficiais Subalternos e Capitães	V. S. ^a
Vossa Santidade	Papa	V. S.
Vossa Reverência	Sacerdotes (menos usual) freiras	V. Rev.
Vossa Paternidade	Abades Superiores de Conventos	V. P.
Vossa Majestade	Imperadores Reis	V. M.
Vossa Excelência Reverendíssima	Bispos Arcebispos	V. Ex. ^a Revma.
Vossa Excelência/ Sua Excelência	Presidente Primeiro Ministro altos dignitários do Estado Oficiais Superiores e Generais	V. Ex. ^a
Vossa Eminência	Cardeais	V. Em. ^a
Senhor Prior/Padre Padre + NP (+familiar)	Sacerdotes	

Formas de tratamento usadas em sobrescritos e cabeçalhos de cartas:

EXPRESSÃO DE REVERÊNCIA	AUTORIDADE OU DIGNITÁRIO	ABREVIATURA
Excelentíssima Senhora Dona	Senhoras de qualquer classe social	Exma Senhora D. Exma. Sr. ^a D.
Excelentíssimo Senhor	Qualquer pessoa do sexo masculino (mais formal)	Exmo. Senhor Exmo. Sr.
Excelentíssimo Senhor Arquitecto	Licenciados em Arquitectura	Exmo. Sr. Arq. ^o
Excelentíssimo Senhor Doutor	Médicos Diplomados por Escolas Superiores	Exmo. Sr. Dr.
Excelentíssimo Senhor Engenheiro	Licenciados em Engenharia	Exmo. Sr. Eng. ^o
Excelentíssimo Senhor Professor	Docentes do Ensino Básico, Ensino Secundário, Ensino Superior	Exmo. Sr. Prof.
Excelentíssimo Senhor Professor Doutor	Docentes do Ensino Superior com Tese de Doutoramento	Exmo. Sr. Professor Doutor
Magnífico Reitor	Reitores das Universidades	

Resumé no eslovaco

Diplomová práca sa zaoberá analýzou foriem oslovovania v súčasnej európskej portugalčine. Portugalčina má viacero možných foriem oslovovania, v ktorých sa majú problém zorientovať nie len cudzinci, ale aj samotní Portugalci. Z tohto dôvodu je cieľom práce zosystematizovať formy oslovovania a pomôcť eliminovať pochybnosti v ich používaní. V prvej kapitole je vysvetlená charakteristika a súčasný stav foriem oslovovania a sú rozdelené z rôznych lingvistických hľadísk. Druhá kapitola je venovaná ich historickému vývoju, od kráľovských čias až po súčasnosť. Práca je zameraná hlavne na formu „você“, pri ktorej sa ani sami Portugalci nezhodujú v jej (ne)používaní. V tretej kapitole je pozornosť venovaná brazílskej portugalčine a rozdielom vo formách oslovovania v Brazílii a Portugalsku. Štvrtá kapitola obsahuje rozbor faktorov, ktoré vplývajú na ich výber a použitie a taktiež analýzu dotazníka, kde respondentmi boli Portugalci rôzneho pohlavia a veku, z ktorého je následne vyhodnotená aktuálna situácia používania foriem oslovovania v európskej portugalčine. V poslednej, piatej kapitole, sú prezentované zistené závery a poukazuje sa na tendencie a smerovanie, ku ktorým sa formy oslovovania uberajú.

Resumé no inglês

The master thesis analyzes the forms of address in current European Portuguese. Portuguese has a large number of possible forms of address, that not only foreigners but also native speakers find difficult to use and understand. Therefore the aim of the thesis is to systematize the forms of address and help to eliminate doubts about their usage. The first chapter includes the characteristics and the view of the current situation of the forms and it is divided according to different linguistic aspects. The second chapter is dedicated to their historical evolution from Middle Ages to the present. The thesis is mainly focused on the form „você“, where even the native speakers have problems to agree/disagree on its usage. The third chapter is devoted to Brazilian Portuguese and differences in forms in Brazil and Portugal. The fourth chapter contains the explanation of the factors that affect their selection and usage and an analysis of the questionnaire. The respondents were the Portuguese of different gender and age. As a result, the current status of the usage of the forms of address in European Portuguese is evaluated. In the last, fifth chapter, the discovered conclusions as well as the future trends are presented.

Anotação

Jméno a příjmení autora: Jana Lešková

Název fakulty a katedry: Filozofická fakulta, Katedra romanistiky

Název diplomové práce: As formas de tratamento em Português Europeu

Vedoucí diplomové práce: Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.

Počet znaků: 101 324

Počet příloh: 1

Počet titulů literatury a internetových zdrojů: 40

Klíčová slova: formy oslovení v súčasnej európskej portugalčine, forma „você“, historický vývoj foriem oslovení, rozdiely oslovení v Brazílii a v Portugalsku

Bibliografia

- AFONSO X, o Sábio. *Cantigas de Santa Maria*, ed. por Rodrigues Lapa. Lisboa, 1933.
- BASTO, Cláudio. *Formas de tratamento em português*. Revista Lusitana, vol. XXIX, 1932.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Formas de tratamento e estruturas sociais*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Marília, 1972-1973.
- BROWN, Roger and GILMAN, Albert. *The pronouns of power and solidarity*. In Sebeok, T.A. (ed.) *Style in Language*, Cambridge, Mit press, 1960.
- CINTRA, Luís F. Lindley. *Formas de tratamento na língua portuguesa*. Livros Horizonte, 1972.
- CUESTA, P.V., LUZ, M.A.M. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Martins Fontes, 1971.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 12^a ed. Lisboa, Edições Sá da Costa, 1996.
- DUARTE, Isabel Margarida. *Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna*. Faculdade de Letras. Universidade do Porto, 2010.
- FARACO, Carlos Alberto. *O tratamento você em português: uma abordagem histórica*. Fragmenta, Curitiba, 1996.
- FLORES, Maria Antonieta de Sousa. *Compilação e breve história de algumas fórmulas de tratamento no português, do século XII à actualidade*. Licenciatura em Filologia Românica, Universidade de Lisboa, 1946.
- GOUVEIA, Carlos A. M. *As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em Português Europeu*. In Duarte, I. M. Oliveira. *O fascínio da Linguagem*. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2008, p. 91-100.
- GYULAI, Éva Viktória. *Abordagem das formas de tratamento nas aulas de Português Língua Segunda/Língua Estrangeira*. Relatório de Estágio, Universidade de Porto, 2011.
- HAMMERMÜLLER, Gunther. *Die Anrede im Portugiesischen. Eine sociolinguistische Untersuchung zu Anredekonventionem des gegenwärtigen europäischen Portugiesisch*. Chemitz, Nov Never Verlag, 1993.

- LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo, Fontes, 1991.
- Leal Conselheiro*, ed. crit. e anotada, organizada por PIEL, Joseph. Lisboa, 1942.
- LUZ, Marilina dos Santos. *Fórmulas de tratamento no português arcaico*. Separata da Revista Portuguesa de Filologia Vols. VII, VIII e IX. Coimbra, 1958.
- MARCOTULIO, Leonardo Lenertz. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- MEDEIROS, Sandi Michele de Oliveira. *Um modelo psico-sociolinguístico de formas de tratamento*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1993.
- MEDEIROS, Sandi Michele de Oliveira. *A model of address form negotiation: a sociolinguistic study of continental Portuguese*. Dissertação de Doutoramento. University of Texas at Austin, 1985.
- MELO, D. Francisco Manuel. *O Fidalgo Aprendiz*. Livraria Clássica editora, 3.^a ed., Lisboa, 1963.
- Missal Romano, *Ordinário da Missa*. Texto oficial português. Texto latino. Comissão Episcopal de Liturgia, Lisboa, 1969.
- MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. *Notícias de estudos realizados sobre as formas de tratamento no Português Brasileiro*. Revista Letra Magna, São Paulo, 2005.
- NASCENTES, Antenor. *Fórmulas de tratamento no Brasil nos séculos XIX e XX*. Revista Portuguesa de Filologia, Coimbra, 1950.
- NASCENTES, Antenor. *O tratamento de você no Brasil*. Separata de Letras, nº 5-6, Curitiba, 1956.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática histórica*. São Paulo, Ed. Nacional, 1915.
- RODRIGUES, David Fernandes. *Cortesia linguística*. Dissertação de Doutoramento em Linguística, Universidade de Lisboa, 2003.
- SAID ALI, Manuel. *De eu e tu a Majestade (Tratamentos de Familiaridade e Reverência)*. A Língua Portuguesa, Lisboa, 1937.

SANTOS, Armindo dos. *O Tratamento por você e por tu nas Relações de Parentesco: o exemplo da Beira Baixa*. In *Jornal de letras, artes e ideias*, Ano V (168). Lisboa, Publicações Projornal, 1985.

SARAIVA, Maria de Conceição Pereira Saraiva. *Estudo de Formas de Tratamento no Português Europeu Contemporâneo: contributos para um manual didáctico*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2002.

SILVA, António Morais. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa, 1789.

SOTO, Ucy. *De você a vossa mercê: Um percurso de mudanças no tratamento de 2.^a pessoa*. Atas do I Congresso Nacional da ABRALIN, 21ed., Boletim da ABRALIN, 1997.

SOUSA, António Caetano de. *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Coimbra, 1950.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua portuguesa*. Lisboa, João Sá da Costa, 1982.

THOMÉ-WILLIAMS, Ana Clotilde. *Sociolinguistic aspects of forms of address in Portugal and Brasil: Tu or Você*. University of Illinois at Urbana-Champaign, 2004.

WILHELM, Eberhard Axel. *Pronomes de distância do português actual em Portugal e no Brasil*. Lisboa, 1979.

As fontes do internete:

<http://www.ciberduvidas.pt/pergunta.php?id=29294>

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100519195225AAguRvJ>

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090114140001AAyB6Fh>

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/perovazcaminha/carta.htm>

<http://www.seuconcurso.com.br/portuguestiradas/pronometratamento.htm>